

CONTOS TRADICIONAES PORTUGUÊSES

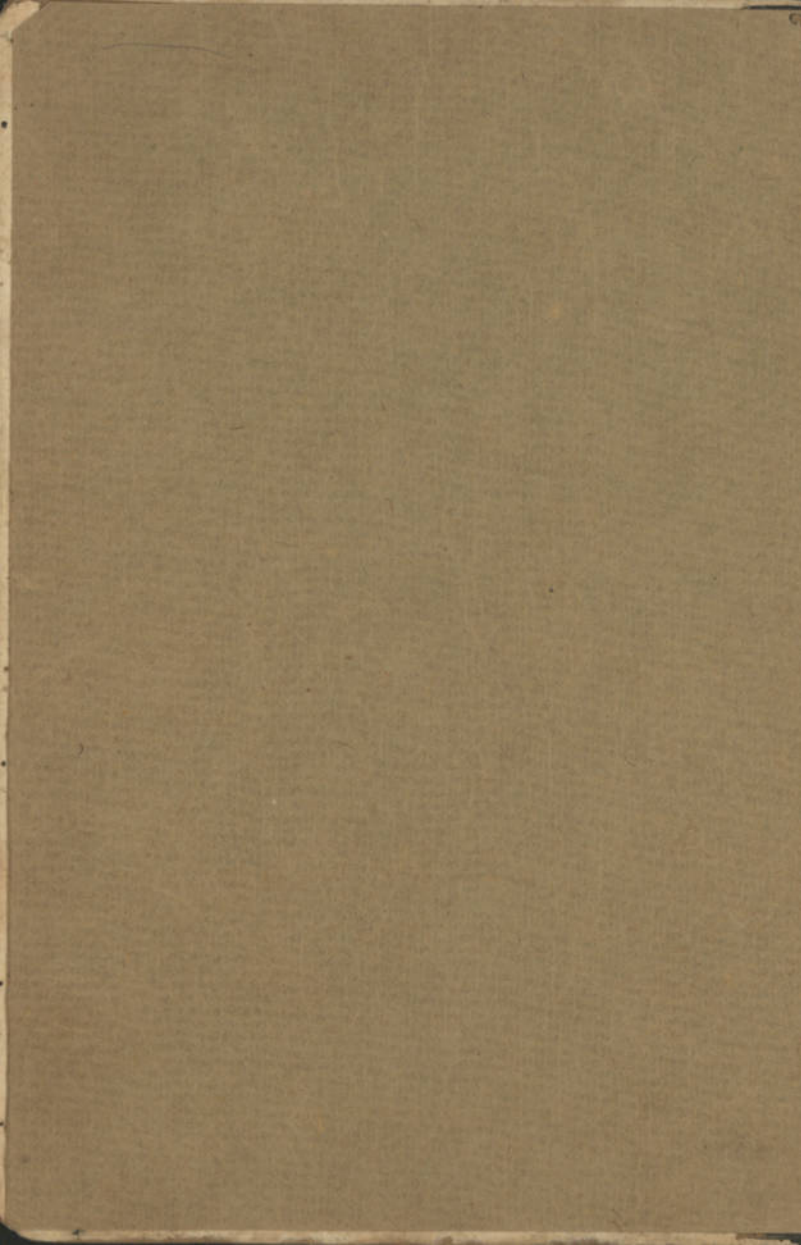
Anna de Castro Osorio

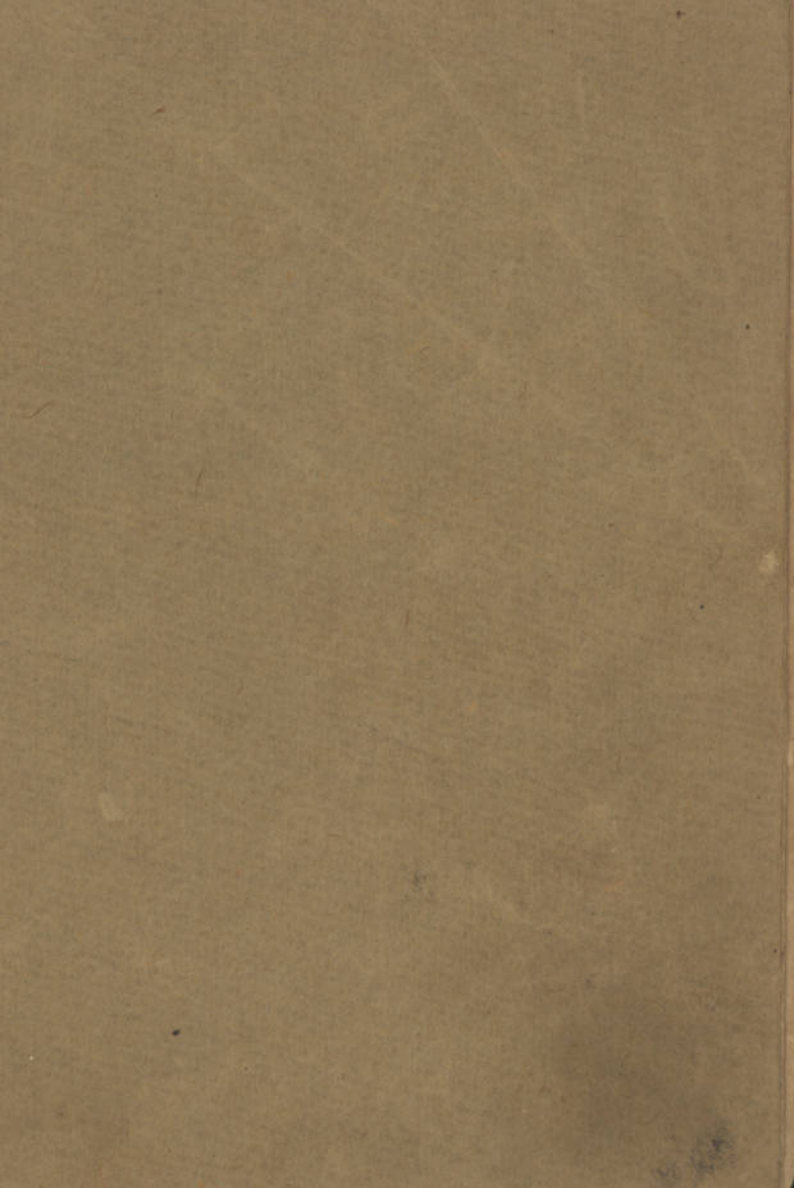


12.<sup>a</sup> série — 2.<sup>a</sup> edição

CA  
LIGAL

B P.







Historias Maravilhosas



Colecção "Para as Crianças"

66  
66  
**HISTORIAS MARAVILHOSAS**

CONTADAS

POR

ANA DE CASTRO OSORIO

ILUSTRADAS

POR

Raquel Gameiro

VOLUME 12.º  
(2.ª EDIÇÃO)

LUSITANIA EDITORA, LIMITADA  
Arco do Limoeiro, 17-1.º  
LISBOA



3981



INCORPORAÇÃO

087

P  
18658





## HISTORIA DO REI TURCO

---

**E**RA uma vez um pai que tinha três filhos. Quando morreu deixou-lhes em herança, apenas, uma velha manta para se cobrirem.

Os dois mais velhos entenderam-se um com o outro e combinaram comprar a parte do mais moço. Este, que era bastante esperto, disse-lhes:— que sim, mas com a condição de o deixarem dormir no meio. Os outros concordaram e o pequeno recebeu o preço da venda e ficou satisfeito.

Todas as noites era uma verdadeira luta, porque cada um puxava para o seu lado, e nunca estavam cobertos; o mais novo no meio fartava-se de rir e dizia:

— «Não me meto nem me tiro, tenho o meu quinhão vendido.

Perceberam os dois que estavam enganados e disseram um para o outro: — a manta está velha, se a puxarmos muito rasga-se, então é melhor vendê-la e irmos correr terras a vêr se somos mais felizes.

— «Então vocês — disse o mais pequeno — querem ir se embora e não me levam?

— «Não, porque estás muito esfarrapado e depois vais-nos envergonhar.

— «Não importa! Digam vocemecês que eu sou seu criado.

— «Pois está dito, assim podemos levar-te.

Pozeram-se a caminho e andaram, andaram todo o dia, até que ao sol posto, já cansados da marcha, assentaram-se sobre uma grande lage que estava á beira do caminho. Eis senão quando aparece-lhes um gigante, que era o Rei-Turco, e diz-lhes com um vo-seirão de arrepiar:

— «Quem sois vós que vos atreveis a tapar a porta do meu palácio?

Responderam logo a tremer os três pobres rapases :

— «O' senhor, nós não sabiamos que esta lage era a porta do vosso palacio! Queira desculpar, senhor Rei-Turco, a três humildes rapases que andam pelo mundo a perguntar fortuna.

— «Pois então venham cá para baixo que eu lhes dou emprego.

Fê-los descer, deu-lhes ceia, e depois mandou a mulher deita-los ao pé das filhas, que já dormiam. Os dois mais velhos adormeceram logo, agora o mais novo estava atento ao que se passava.

Dahi a pouco levantou se o Rei-Turco e foi apalpar os hospedes, a vêr se elles dormiam: o pequeno fingiu que resonava e o rei enfiou-lhes a todos três umas carapucinhas na cabeça, para os diferençar das filhas, deitadas na mesma cama.

O rapasito, logo que elle deu costas, trocou rapidamente os carapuços pelas coifas das pequenas e esperou.

Alta noite, elle que sente voltar o gigante, e, apalpando as cabeças, cortar dum só golpe as das filhas, cuidando que eram as dos hospedes.

Percebendo que não estavam em bons

lenções, quando chegasse a manhã e dessem pelo engano, vai o pequeno e chama os irmãos dizendo-lhes: — que era preciso fugir imediatamente. Pozeram-se a caminho e andaram, andaram todo o resto da noite, até que de manhã chegaram a outro reino, onde o Turco já nada lhes podia fazer.

Dirigiram-se ao paço a oferecer ao rei os seus serviços, como criados. Havendo falta servisais aceitaram os dois para as cavallariças e o mais pequeno para ajudante do jardineiro.

Sendo este muito esperto e atencioso todos gostavam delle, vendo-se em poucos dias completamente transformado, bêm vestido, muito limpo, e sempre alegre e trabalhador. A princêsa via-o e achava-lhe muita graça. Um dia pegou em si e pôz na cabeça uma das coifas das meninas turcas e foi assim trabalhar.

A filha do rei que o viu da janella achou-a muito interessante e mandou-lhe perguntar, pela sua aia, se queria vender a coifa.

— «Não — respondeu o rapasito — diga á senhora princêsa que não lha vendo, que lha dou de bôa vontade se ella fôr minha amiga.

— «Sim, pequenito, gosto muito de ti — respondeu a própria senhora.



A filha do rei que o viu da janella...

Passados dias tornou a pôr a segunda coifa e a princêsa vendo-o da janella tornou a mandar perguntar pela aia se lha vendia, ao

que elle respondeu o mesmo — que não lha vendia mas sim lha dava se fosse sua amiga. A princêsa disse que gostava delle e ficou senhora da segunda coifa.

Tornou a deixar passar alguns dias e depois pôz a terceira coifa, acontecendo o mesmo que já tinha sucedido com as outras.

Numa palavra, o pequeno era o *ai jesus* de toda a gente, já sabia de jardinagem, e andava no ultimo apuro.

Os irmãos, que não passavam de infimos criados das cavallariças, tinham-lhe muita inveja e tanto que se lembraram de dizer ao rei: — que o pequeno tinha dito ser capaz de ir roubar a coberta de campainhas do Rei-Turco, seu mortal inimigo.

O rei mandou-o chamar logo e disse-lhe:

— «Pequenito, como afirmaste que eras capaz de me trazer a coberta de campainhas do meu inimigo Turco, espero que isso farás.

— «Real senhor, tal não disse. Mas se manda, obedecerei.

— «Pois mando, sim. Se ma trouxeres, ficas meu criado particular; se não ma trouxeres, mando-te matar.

O pequeno foi, chegou a casa do Turco, entrou sem que ninguem o visse e meteu-se lhe debaixo da cama.

Quando sentiu o gigante adormecido deu-lhe um grande puxão á coberta; o outro, cuidando que era o gato, gritou:

— «Sape gato! não me deixas dormir.

Dahi a pouco, quando estava outra vês adormecido, o pequeno deu outro puxão á coberta.

O Rei-Turco, muito zangado, diz, cuidando que era o gato:— «Pega lá a coberta, deixa-me dormir descansado.

E atirou-a ao chão. Foi o que o pequeno quiz, agarrou nella e fugiu, tendo de atravessar o mar para chegar ao reino do seu senhor.

Quando o Turco se levantou e não viu a sua coberta, foi ter com um papagaio que tinha que era *adivinhão* e disse-lhe:

— «Papagaio, quem me roubou a minha coberta?

— «Foi o pequenito que está ao serviço do teu inimigo. Não o vês a atravessar o mar?

O Rei-Turco foi á varanda e vendo-o ao longe perguntou-lhe por uma buzina:

— «Pequenito, voltarás cá?

— «Não sei, não sei! — respondeu elle por outra.

Apresentou a coberta ao rei, que ficou

muito satisfeito e o fez logo seu criado particular.

Ora os irmãos com isto ainda mais o invejaram e pouco tempo depois foram inventar — que elle dissera sêr capaz de ir buscar o papagaio *adivinhão* do Turco.

O rei ficou enthusiasmado e chamou-o logo, dizendo :

— «Pequenito, então tu disseste que eras capaz de ir buscar o *adivinhão* que tem o meu inimigo?

— «Real senhor, tal não disse, é uma calúnia que inventaram para me perder. Mas se vossa magestade ordena, lá irei.

— «Pois vai, que se conseguires isso farte-hei ministro da corôa.

O pequeno foi, introduziu-se no palacio do Rei-Turco, e teve artes de trazer o *papagaio*.

O rei ficou contentissimo e nomeou-o logo seu primeiro ministro. Os irmãos estoiravam de inveja, pois emquanto o pequeno chegava a tanta grandêsa, elles não passavam de moços de cavallariça, como tinham entrado para o palacio.

E vai, lembraram-se de nova intriga para perderem o irmão — que era fazer constar ao rei que o ministro se gabava de ser capaz de ir buscar o proprio inimigo.



Agora o rei ficou contentissimo, dizendo:  
— «Se o pequenito fosse capaz de tal, eu dava-lhe tudo quanto elle quizesse. Casava-o até com a princêsa.

Mandou-o chamar e perguntou-lhe se tal dissera.

— «Não, real senhor, tal não disse; mas se manda, obedeço.

— «Pois mando, vai. Se conseguires o que desejo, dou-te a mão de minha filha; se não, mando-te cortar a cabeça.

O rapaz foi para bordo dum navio, pintou-se de preto, vestiu-se de aguadeiro mexicano, poz um cantaro ao hombro, e foi apregoar agua para defronte do palacio do Rei-Turco. Dahi a bocado mandou-o este chamar, para lhe dizer:

— «Anda cá pretinho, tu donde vens?

— «Do reino visinho.

— «Então conheces lá um pequenito que não era nada e hoje é ministro da corôa?

— «Ora se conheço! Como os meus dedos. E' um grande marôto.

— «Pois eu queria muito vê-lo na minha presença.

— «Nada mais facil!

— «Ora essa, então como? Tenho-lhe tanta raiva que se o visse estrangulava-o logo.

— «Pois está vossa magestade como eu. Se o quer apanhar não é difficil, mande fazer um caixão de oiro todo cravejado de pedras preciosas e eu levo-o no navio em que vim e vou vendê-lo ao pequenito, que é muito curioso de coisas ricas e bellas.

— «Boa ideia! Arranja tu isso, que hade ficar bem.

Mandaram fazer o caixão, segundo o risco dado pelo rapaz, e o Rei-Turco meteu-se nelle e foi assim para o navio. Uma vez ali, o pequeno fechou-o á chave e assim chegou á cidade do seu rei.

Mandou-o logo chamar e deante d'elle abriu o caixão onde vinha o Rei-Turco, dizendo-lhe:

— «Real senhor, aqui tendes o vosso inimigo!  
E para elle gritou:

— «Querias-me na tua presença, aqui me tens!

Mas vieram logo guardas que prenderam o gigante e levaram, por ordem do rei, para um forte carcere.

O pequenito casou com a princêsa e foi um bom rei, e muito felizes se julgaram ambos.

Os irmãos foram expulsos do paiz, quando o rei soube que eram elles os culpados de todas as intrigas, e nunca mais tiveram ordem de lá voltar.



## O CONTO DA CABACINHA

**E**RA uma vez uma velhinha, que tinha uma filha casada, que vivia no campo. Quando teve um menino mandou pedir á mãe que fosse assistir ao baptisado do nêtinho.

A velha respondeu que não podia ir, porque tinha medo dos lobos. Mas como a filha teimou, sempre se resolveu e foi.

Pelo caminho encontrou um lobo que lhe disse :

— «Ai velha, que te cômô !



... a raposa que lhe perguntou:  
— «Cabacinha, encontraste por ahí uma velhinha?»

— «Não cômas — respondeu ella — que logo te trago um bolinho do baptisado.»

Mais adiante encontrou uma raposa, que lhe disse:

— «Ai velha, que te cômô!

— «Não comas que logo te trago um bo-  
linho do baptisado.

Quando chegou ao *monte* onde a filha vi-  
via, disse:

— «Ai que apoquentada venho! Estou  
mais morta do que viva, porque o lobo e a  
raposa queriam comer-me.

— «Deixe estar que tudo se arranjará.  
Jante descançada e não tenha medo.

Fez-se o baptisado com grande pompa e  
quando a velha se quiz ir embora a filha  
deu-lhe uma cabaça para ella se meter den-  
tro. Foi o que ella fez. Adeante encontrou a  
raposa, que lhe perguntou:

— «Cabacinha, encontraste por ahi uma  
velhinha?

— «Nem velhinha nem velhão.

«Corre, corre cabacinha,

«Corre, corre cabação.

Continuou a andar, e mais adeante encon-  
trou o lobo que lhe perguntou:

— «Cabacinha, encontraste por ahi uma  
velhinha?

— «Nem velhinha nem velhão.

«Corre, corre cabacinha,

«Corre corre, cabação.

Continuou a correr, mas adiante bateu numa pedra, partiū-se a cabaça, e o lobo, que isto viu, veio e enguliu a velha.

Agora o viuvo, ficou desesperado e foi á caça do lobo. Matou-o e quando foi abri-lo com muito cuidado saltou de lá a velhota, muito contente.

Foram logo para sua casa e viveram felizes o resto dos dias.

---



## HISTORIA DA MENINA QUE DEITA PEDRAS PRECIOSAS DOS CABELLOS

**U**MA mulher tinha um filho e uma filha e viviam muito pobremente, mas a mãe morreu e ainda ficaram peor. Disseram então um para o outro: — vamos correr mundo a vêr se somos mais felizes. E fôram. Andaram, andaram, e quando chegou a noite assentaram-se debaixo duma arvore e a pequenita, como era mais novinha, deitou a cabeça no cólo do irmão e adormeceu; em-

quanto elle ficava de vigia, não viesse algum bicho ou alguém fazer-lhes mal.

Alta noite viu chegar tres bellas damas que disseram umas para as outras, vendo a criança:

— «Que linda menina, e como dorme socegada!

— «Vamos nós a fadá-la?!

— «Pois vamos.

— «Eu te fado para que sejas a cara mais linda que o sol cubra—disse a primeira.

— «E eu, para que dos teus cabellos caiam pedras preciosas e debaixo das tuas mãos nasçam flôres.

— «E eu — disse a terceira — fado-te para que, onde ponhas as mãos, nasça agua e peixinhos.

As fadas fôram-se embora e o pequeno passou as mãos pelos cabellos da irmã e cahiram lindas pedras preciosas de todas as cores, que era um deslumbramento.

Quando de manhã ella acordou, disse-lhe o pequeno:

— «O' mana, apanha aquella hervinha, que é tão bonita.

A menina baixou-se para apanhar a herva, mas debaixo das suas mãos apareciam flôres as mais lindas e perfumadas que tinham



visto. A pequena, que não sabia do que se passava, gritou muito alegre :

— «Olha, mano, tantas flôres, tantas e tão lindas!

— «Apanha, apanha bastantes.

E quanto mais procurava, tantas mais flôres brotavam da terra, ainda havia pouco maninha e triste.

— «Mana—disse o rapaz—ainda hoje não lavaste a tua carinha, nem as tuas mãos.

— «Não ha por aqui nenhum tanque, mano.

— «Olha, põe as mãos ali naquellas pedras.

A pequena obedeceu, e logo começou a correr uma bica de agua e muitos peixinhos a nadar.

— «Ih, tantos peixes!—dizia admirada.

— «Apanha, mana, apanha!

Apanharam muitos e seguiram o seu caminho.

Chegaram a uma porta, bateram e appareceu uma mulhersita a quem o rapasinho pediu para agasalhar a irmã e cosinhar aquelles peixes, emquanto ia dar umas voltas.

Foi a um joalheiro para lhe vender as pedras preciosas que tinham cahido dos cabellos da irmã, mas era tal o seu valôr que

o homem não teve dinheiro para as pagar. E foi a outro e a outro, e cada um pagava apenas uma, ficando sem dinheiro para mais. A noite foi para casa e recomendou muito á menina que não pozesse as mãos em coisa alguma nem deixasse que ninguem a penteasse enquanto elle andava por fóra. Pediu á mulhersinha, que tambem tinha uma filha, que tratasse bem a sua irmã, que depois pagava tudo; e foi para a cidade.

Depois mandou fazer um navio riquissimo, pois não tinha necessidade de olhar a despesas. Todas as manhãs penteava a irmã e enchia cofres e cofres de joias preciosas, e desta maneira é claro que não lhe faltava nunca o dinheiro. A pôpa mandou pôr o retrato da menina e ao navio deu-lhe o nome della, que era Graça da Fortuna.

Correu a fama de tal maravilha e os reis e toda a côrte quizeram vêr a nova embarcação. Mas o principe real, olhando para o retrato, ficou admirado de tanta bellêsa e perguntou :

— «Quem é aquella senhora ?

— «E' minha irmã — respondeu elle.

— «Naturalmente não está parecida, porque não ha cara tão linda no mundo.

— «Isso sim! Ainda ella é melhor. E tem



Alta noite viu chegar três bellas damas... (pag. 16)

tres prendas que a tornam invejavel: dos seus cabellos cahem pedras preciosas. On-

de põe as mãos nascem flôres e corre agua com peixes.

—«Isso é lá possível!

—«Pois é, real senhor, e aqui tem um cofre cheio de joias dos seus cabellos.

Na côrte estava tudo de bôca aberta e os joalheiros da cidade afirmaram ser verdade o rapaz ter daquellas joias, sem conto, que o sabiam porque lhas vendia frequentemente.

—«Se isso é verdade, a tua irmã vale mais do que uma poderosa rainha, e então quero-a para minha esposa. Manda-a buscar, mas á cautella ficarás guardado até que apareça tal maravilha.

O pequeno mandou ordem á mulhersinha para lhe levar a irmã. Mas como a noticia do caso já lá tinha chegado, ella o que faz? Combina-se com a filha para se apresentar como noiva do principe, e tirarem os olhos á pequenita e deitaram-na ao mar.

Chegaram á côrte e o principe ficou desapontado, porque a rapariga era muito feia e bruta.

Vieram aias para a pentear e não cahiram pedras nenhuma. Trouxeram-lhe uma bacia para meter as mãos e nem agua nem peixes appareceram. Pediram-lhe para pôr as mãos na terra e não nasceram flôres. Veio

o rapaz e começou a clamar: que aquella não era a sua irmã e sim a filha da mulher a quem a deixára. Mas as duas gritavam mais do que elle, e o rei vendo-se enganado disse:— que dentro dum anno, se não apparecesse a menina, elle seria morto. Mandou-o meter numa torre e prevenir de que: dentro desse anno, se a menina não apparecesse casava então com a rapariga, para cumprir a sua palavra, ficando desde logo, as duas, em palacio.

Agora voltando á menina. Logo que cahiu ao mar veio uma baleia e enguliu-a indo vomita-la adiante, numa praia deserta. Nessa praia havia uma quinta que pertencia ao rei, mas que elle nunca visitava e estava quasi abandonada por não ter agua nenhuma e não dar nada de préstimo. Estavam apenas como guardas um velho e uma velhota, que eram casados.

O homensito viu a baleia chegar á praia e vomitar a menina e foi a correr chamar a mulher; mas enquanto foi e veio, tornou a baleia a enguli-la indo-se embora para o mar.

— «Esperaremos amanhã a vêr se succede o mesmo — disse para a mulher.

No dia seguinte escondeu-se perto e quando a baleia veio vomitar a menina elle

foi a correr pegou-lhe ao côlo e levou-a para casa.

Tiveram muita pena por a verem sem olhos, trataram-na com muito carinho, e a mulher servia-a com muito gosto.

Mas a criança só pensava no irmão e na maneira de o salvar e pediu á quinteira que a levasse á quinta. Pôs as mãos na terra e apareceram logo as mais lindas flôres, com as quaes fez um ramo admiravel que entregou á mulhersinha para lho ir vender em troca de uns olhos.

A quinteira chegou defronte do palacio real e começou a apregoar:— «Quem me troca estas lindas flôres por uns olhos de gato?!»

Estava a filha da mulhersinha á janella e ouvindo aquillo disse para a mãe:

— «Tem graça! Aquella mulher quer uns olhos de gato por umas flôres tão lindas, vou-lhe dar os da pequena que atirámos ao mar e fico com o ramo, que é a coisa mais bella do mundo.

Foi o que quiz a quinteira; muito satisfeita foi a correr levar os olhos á menina, a quem queria como filha, meteu-lhos nas orbitas e logo ella começou a vêr como se nada tivesse sucedido. Depois foram ao campo

e por toda a parte a gentil criança fez brotar lindas fontes, repuchos e tanques cheios de peixes, e aparecerem flôres como ainda se não tinham visto. A quinta, de feia que era tornou se um paraíso, de tal maneira que o velhóte disse que ia chamar o príncipe para vêr aquella maravilha.

—«Espere ainda — disse a menina — leve-lhe tambem isto.

Mandou a quinteira levantar o avental e penteando-se para cima juntou uma porção de jóias que meteu num cofre para o príncipe.

Elle correu logo, já se deixa vêr, pois dizia-lhe o coração que era a sua noiva. O quinteiro o que fazia era mostrar-lhe os jardins, as cascatas, a alegria, emfim, da terra cheia de agua e de flôres...

Mas o príncipe importava-se pouco com isso e o que queria era vêr a menina de quem o velho contava todas as virtudes. Quando appareceu, gritou:

—«Meu Deus! Esta é a que estava em retrato no navio Graça da Fortuna.

—«Senhor, esse é o meu nome e o do navio de meu irmão!

Contou então tudo que lhe acontecêra e logo dali fôram todos para palacio. Vieram

aias para a pentear e a côrte ficou embasbacada ao vêr as pedras preciosas que cahiam dos seus cabellos. Trouxeram-lhe uma bacia de prata e metendo-lhe as mãos logo appareceu agua e peixes, pôz as mãos na terra e logo brotaram flôres.

Todos muito contentes foram buscar o irmão, que estava na prisão, e encheram-no de honras e festas.

A mãe e a rapariga foram presas e condemnadas pelos juizes. A menina casou com o principe, houve muitas festas e foram muito felizes.





## O PRINCIPE DAS MAÇÃS DE OIRO

**H**AVIA um rei que tinha tres filhos. No jardim do seu palacio havia uma arvore que todos os annos devia dar nove maçãs de oiro, mas o rei nunca lhes punha a vista em cima porque, no dia em que as deviam apanhar, vinha todos os annos tamanho temporal que ninguem se atrevia a sahir á rua. Na manhã seguinte achavam-nas roubadas.

Um anno disse o principe mais velho :

— «Meu pai, esta noite vou rondar a nossa arvore para vêr quem é o ladrão das maçãs de oiro.

— «Não vás, filho, não vás, que o temporal é muito e pode acontecer-te mal.

— «Nada, eu vou vêr o que é.

Embrulhou-se na capa, pôz a espada á cinta, e foi rondar a arvore preciosa.

Mas dahi a horas atacou-o um somno tão pesado, tão forte, que não poudo resistir. Fechou os olhos, e quando acordou já não viu as maçãs.

Foi ter com o pai, muito envergonhado, e contou o sucedido.

No anno seguinte disse o segundo principe :

— «Meu pai, este anno é a mim que me compete guardar a arvore, para vêr quem é o ladrão das nossas maçãs de oiro.

— «Não vás, filho! Temos passado sem ellas; não quero que os meus filhos sofram por minha causa.

— «Não posso deixar de ir, o meu irmão foi o anno passado, este compete-me a mim.

Embrulhou-se na capa, armou-se com a sua espada, e foi rondar a arvore. O temporal era ainda mais forte do que nos outros

annos, e o somno que lhe deu foi tal que não pode deixar de fechar os olhos. Quando acordou, já as maçãs estavam roubadas.

Muito desesperado apresentou-se ao rei, que o desculpou.

No anno seguinte disse o principesinho mais novo, que era ainda uma criança de dez annos.

— «Meu pai, este anno sou eu que vou guardar a arvore.

— «Que loucura, meu filho! Pois os teus irmãos, que são uns homens, não conseguiram nada; tu, que és um pequenito, o que hasde fazer? Nada, não consinto que vás expôr-te ao temporal, e sabe Deus ao mais que te poderá acontecer.

— «Não, meu pai, não lhe faço a vontade; meus irmãos já foram, agora cabe-me a vez a mim.

Envolveu-se no seu capotinho, pegou numa pistola, e foi para o jardim. O temporal veio ainda mais forte do que nos annos precedentes, e o somno que o atacou era invencivel.

Mas a criança com uma grande coragem foi sempre resistindo até que, não podendo mais, fechou os olhos um instante. Quando os abriu, em sobresalto, viu um lindo passaro com plumagem de oiro levando no bico

uma das maçãs. Puxou da sua pistola e deu-lhe um tiro, que mal o tocou, mas que lhe fez dar um grito e deixar cahir uma das pennas. Ainda assim fugiu com a maçãzinha, sem que o principe o podesse seguir.

Apanhou as oito maçãs restantes e levou-as ao pai, dizendo :

— «Aqui tem as maçãsinhas que pude guardar. São sómente oito, porque a nona levou-ma a ave das pennas de oiro. Por mais que fizesse, não resisti a fechar os olhos por um momento e foi o bastante para ella ma roubar.

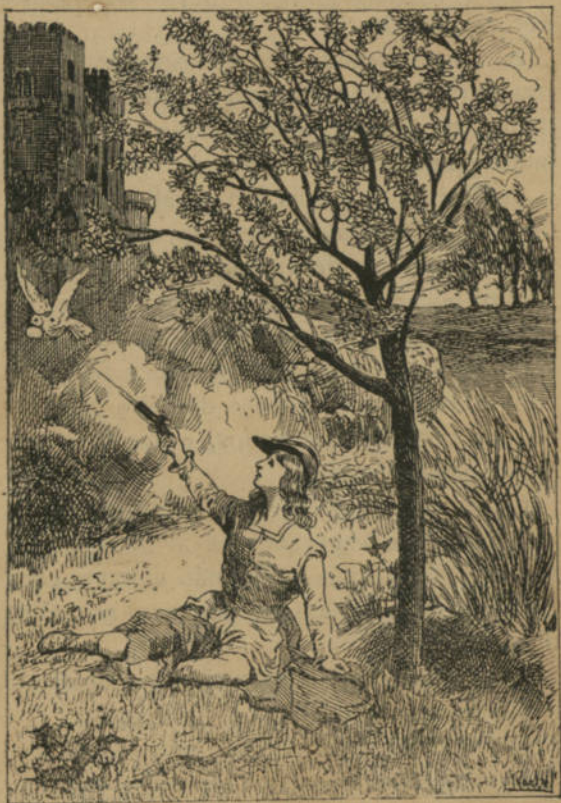
— «Obrigado, meu filho; tão novo, e já foste um heroe !

Mas nessa mesma noite o velho rei adoeceu de tão oculto mal, que não havia medico nem cirurgião que lhe soubesse da cura.

Foram buscar um sabio, que havia muitos annos se retirára da sociedade e que não queria tratar de doentes nem falar a sãos, todo entregue ao estudo e aos livros ; e quizeram que elle fosse vêr o rei e que descobrisse o remedio para o estranho mal.

— «O rei não póde melhorar — disse o sabio — sem que lhe tragam a ave das pennas de oiro que na sua presença ha-de cantar.

— «Bom — disse o principe mais velho,



vendo que esse era o remedio —vou eu procurar a ave das penas de ouro.

O rei não o queria deixar ir, mas elle armou-se, montou a cavallo e partiu, seguido por dois criados.

A' noite chegou a uma hospedaria e parou para descansar. Apareceu-lhe um bella dama, ricamente vestida, que o recebeu muito gentilmente e lhe disse :

— «Parece que sois um cavalleiro de distincção, e portanto deveis apreciar o jogo. Se isso não vos desagrada, podemos entreter um bocado da noite a jogar o xadrez.

O principe, que na verdade tinha o mau vicio do jogo, aceitou a proposta e foi jogar com a senhora. Perdeu o dinheiro que trazia, os criados, os cavallos, e por fim ficou preso pelas dividas.

O rei cada vez peorava mais, de modo que já pouca esperanza havia de o salvar. Como o filho mais velho não voltava, com o passaro das pennas de oiro nem sem elle, disse o segundo :

— «Vou eu agora procurar meu irmão e a ave maravilhosa.

O pai ficou triste por vêr que os filhos o deixavam, mas o principe armou-se, montou a cavallo e partiu, seguido dos seus criados.

Chegou á mesma hospedaria, onde lhe appareceu a senhora muito bem vestida que

o convidou para jogar. Jogou e perdeu tudo: dinheiro que trazia, criados, cavallos, e por fim ficou preso por não ter mais com que pagar as dividas.

Passou-se tempo, e como elle não apparecia e o rei cada vez peorava mais, disse o principezinho :

— «Meu pai, eu vou procurar os meus dois irmãos e trazer-lhè o passaro das penas de oiro.

— «Meu querido filho — respondeu o doente — queres partir tambem e deixares-me a morrer, sem nenhum de vós que me assista aos ultimos momentos?!

— «Não se apoquente, pai, que eu hei de ir e heide voltar com os meus irmãos e a ave encantada. Comnosco virá a alegria e a saúde para vossa magestade.

Levou pouco dinheiro, a sua pistola, e não quiz criados para o acompanhar. Chegou á mesma hospedaria para passar a noite e a mesma bella dama o convidou para jogar.

— Desculpe-me, gentil senhora — respondeu — mas venho fatigado de jornadas e tenho que partir de madrugada. Preciso recolher-me e descansar.

Assim fez, e ainda a manhã vinha lá em casa de Deus, já estava a pé, prompto para

seguir viagem. No caminho encontrou uma raposa, que lhe perguntou:

— «Para onde vais, cavalleiro? Se procuras a ave das pennas de oiro segue este caminho até encontrares um palacio. Entra sem dizeres palavra e agarra-a sem lhe fazeres festa.

A raposa desapareceu e o principe foi até ao tal palacio; entrou sem encontrar ninguem e agarrou a ave; mas esta era tão linda, tão linda, que não pode conter-se e disse: — que belleza de passaro!

Ella então deu um grande berro e apareceram muitos criados, que agarraram o principe para o matar.

— «Não me matem — disse elle — que eu farei o que me mandarem.

— «Então vae buscar a princêsa que roubaram deste palacio.

O principe sahiu e encontrou logo a raposa que lhe disse:

— «Não seguiste os meus conselhos, vê o que te aconteceu! Agora tens que ir buscar a princêsa que está naquelle palacio mais longe, sentada no seu throno de oiro. Entra e procura-a. Não lhe digas nada nem lhe beijas a mão que te estender para te acompanhar.

O principe foi e encontrou a princêsa



sentada no seu throno de oiro, mas achou-a tão bonita e sympathica que não poude deixar de lhe beijar a mão.

Soltou immediatamente um grito, acudindo muitos criados para matarem o roubador.

— «Não me matem — disse elle — que farei o que me mandarem.

— «Pois então vai buscar o cavallo que anda como o pensamento.

O principe saiu e continuou o seu caminho, encontrando logo a raposa, que lhe fallou:

— «Não fizeste o que te mandei, agora tens que ir buscar o cavallo *Pensamento*. Olha que está naquelle palacio, lá muito longe. Vai ás cavallariças e escolhe, entre todos, o que te parecer mais feio e lazarento. Arreia-o com os arreios mais velhos que lá encontrares, porque são os que lhe pertencem. Agora vê se fazes o contrario, olha que não te poderei valer mais.

O menino prometeu obedecer á sua amiga e partiu a galope.

Entrou no palacio e dirigiu-se logo ás cavallariças, onde encontrou os mais lindos cavallos das mais bellas raças que tinha visto, apezar da riqueza das cavallariças do rei seu pai. A um canto estava o *Pensamento*, muito

magro, muito feio e lazarento. O principe não se resolvia a leva-lo e deixar os outros tão formosos, mas pensou no que a raposa lhe recomendára e foi desata-lo da mangidoira. Depois, para o aparelhar, ainda pegou nos arreios mais novos por lhe parecerem os outros até indecentes e indignos do cavallo de um principe, mas o animal estremeceu e elle percebeu a tempo que procedia mal. Foi buscar os arreios velhos, aparelhou o cavallo e saiu com elle.

Encontrou a raposa, que lhe disse:

— «Bom, agora andaste como devias, cumprindo as minhas indicações. Segue até ao palacio da princêsa e hasde ouvir dizer:

— «Venha o cavallo para a cavallariça.

Tu responderás:

«Venha a princêsa para o cavalleiro.

«E em lá chegando falará primeiro.

Depois, quando passares pelo palacio da ave, hasde ouvir dizer:

— «Venha a princêsa para o throno.

E tu responderás:

«Venha a ave para o seu dôno.

«E em lá chegando cantará primeiro.

O principe assim fez. Passou pelo palacio da princêsa e ouviu uma voz gritar:

— «Venha o cavallo para a cavallariça.

Respondeu logo :

— «Venha a princêsa para o cavalleiro.

«E em lá chegando falará primeiro.

A senhora veio de dentro a correr, montou a cavallo e partiram num instante, levando pelo *Pensamento*.

Chegaram defronte do palacio da ave das penas de oiro, pararam e ouviram uma voz muito forte gritar :

— «Venha a princêsa para o seu throno.

Respondeu o principe do mesmo modo :

— «Venha a ave para o seu dôno.

«E em lá chegando cantará primeiro.

A ave veio a voar para o hombro do principe e partiram outra vez. Mas a meio do caminho appareceu a raposa, que lhe disse ;

— «Amigo, agora que levas tudo que te é preciso, tem cautella! Não pagues dividas que não fizeste, nem comas carne de enforcado.

\* E dito isto desapareceu. Logo nessa noite chegaram á hospedaria da dama do jogo e apeou-se com a princêsa para descançarem. Andando a passear pelo corredor viu um letreiro por cima duma porta, que dizia: *quarto do principe preso por dividas*. Noutra porta: *quarto do infante preso por dividas*. Noutra: *quarto dos criados dos principes pre-*

zos por dividas. Foi á cavallariça e reconheceu os cavallos que pertenciam aos irmãos e ouviu dizer :

— «Os principes não pagaram as dividas, serão mortos dentro de vinte e quatro horas.

Ficou muito afficto, dizendo comsigo :— Meus pobres irmãos, se aqui não passo hoje quando voltasse já os não encontrava.

Pagou quanto elles deviam e ficou tudo muito contente.

Mas os irmãos, embora lhe devessem a vida, eram invejosos e ficaram desesperados por verem que conseguira o que elles não tinham podido fazer. Pelo caminho iam dizendo um para o outro :

— «Então o mais novo é que hade ser o heroi para tudo? Tambem é de mais! Elle apanhou as maçãs de oiro, elle leva a ave para salvar o pai, e ainda por cima a linda princêsa para sua esposa e o cavallo *Pensamento!*

— «E nós nada conseguimos, senão ficar presos e passar por vergonhas.

— «Pois então é melhor mata-lo e levarmos nós cada um sua coisa.

— «Não — disse o segundo — matar não, é melhor prendê-lo a uma arvore, que os

animais selvagens da floresta se encarregaram de o comer.

Chamaram o principe, pediram-lhe que se apeasse para os ouvir e, depois de o terem acusado de lhes roubar todas as glorias, amarraram-no a uma arvore e fugiram com a princêsa, com a ave e com o cavallo.

Mas chegaram ao palacio do pai e :

«A princêsa não falou.

«A ave não cantou.

«E o rei não melhorou.

Agora o principe, atraído e abandonado por seus irmãos, estava mais triste do que a morte. Nisto avistou a raposa numa corrida desatinada. Chamou-a, chamou-a, mas não foi ouvido. Tornou a passar para traz e para diante, como quem anda a procurar alguma coisa, e elle tanto gritou que sempre foi ouvido.

— «Ah — disse a boa amiga—encontrei-te emfim! Andava em tua busca e temia que alguma fera te tivesse devorado.

— «Não, minha querida raposa; as fêras foram os meus irmãos que me prenderam a esta arvore e me roubaram a ave que hade curar meu pai, a princêsa que era minha noiva, e o cavallo que me servia tão bem.

— «Eu não te disse que não pagasses dividas que não tivesses feito?

— «E' verdade, mas se eram meus irmãos que iam ser mortos, o que havia de fazer?

A raposa tratou de o desamarrar e por fim, quando se viu livre, disse lhe o principe:

— «Agora, minha amiga. como te heide pagar todos os teus beneficios?

— «Olha, mata-me e corta-me a cabeça.

— «Ah, isso é que eu não faço, nem que me obriguem!

— «E' para tua felicidade e para minha.

— «Se affianças que é para tua felicidade, faço-o; agora, só por causa da minha, não farei tal!

— Pois é para meu bem.

Foi elle então com a sua espada e degolou a raposa, mas, em vez de a vêr cair morta, viu-a transformar-se num bello e simpatico moço, que o abraçou alegremente. A boa da raposinha não passava de um principe encantado, que só um bom menino podia fazer voltar á sua forma humana.

— «Bom! agora — disse — vamos lá ao palacio dar vida a teu pai, que sem ti nada conseguem:

«A ave não cantou.

«A princêsa não falou.

«O cavallo não mais andou.

«O rei não melhorou.

Montaram nos cavallos que os principes tinham deixado e partiram.

Assim que chegaram defronte da porta do palacio real, começou a ave a cantar, que era um encanto ouvi-la. O cavallo correu da cavallariça para os receber. A princêsa sorriu-se e estendeu a mão ao principe, dizendo:

—«Ainda bem que voltasteis, meu noivo!

O pai sentou-se na cama, completamente curado, abraçando-o cheio de alegria.

Os irmãos fugiram envergonhados e ninguém mais os viu. O principe e a princêsa casaram, houve uma grande festa e muita alegria, e o principe desencantado ficou a viver com elles como um irmão muito querido.

---



## Á FÉ É QUE NOS SALVA

---

**C**ONTA-SE — que uma vez um saloio adoeceu. Vae dahi chamou o medico.

O doutor entrou com toda a gravidade e, depois de bem observar o doente, pediu pena e tinta e poz-se a escrever a receita.

O homem não o perdia de vista, e tudo quanto o medico fazia julgava que era para o curar.

Este escreveu a receita e deitou-lhe areia



para secar a tinta ; depois, voltando-se para o doente, disse-lhe :

— «Você não se esqueça do que lhe recomendo, nem faça como outros doentes que me incomodam : querem receita que os cure, mas não fazem nada do que lhes mando!

— «Ora essa, senhor doutor, — protestou logo o labrego, — cá por mim heide fazer tudo quanto me mandar.

— «Bom, pois então faça o que está aqui.

Foi-se embora, e, como a doença não era de muito cuidado, não voltou a casa do homensinho.

Um dia, estava muito descansado, entra-lhe pela porta dentro o lapónio.

— «Então você já está bom?

— «Sim senhor! E venho agradecer ao senhor doutor o remedio tão bom que me deu, que não me custou dinheiro e hade durar para emquanto eu fôr vivo.

— «O que está para ahi a dizer, homem?! Com certeza não fez o que eu lhe mandei.

— «Ah isso fiz ; desculpe o sr. doutor, mas fiz. Todos os dias.

— «Mas o quê, o que foi que você fez, homem de Deus?! Então na botica não lhe levaram nada!?

— Eu para que havia de ir á botica, se tinha o remedio em casa ?!

— « Não o entendo, — gritou o medico — explique-se se quer.

— « O' senhor doutor, então vossa ex.<sup>a</sup> não deitou areia no papel que escreveu e não me disse que fizesse o que ali estava ?! Foi o que fiz: todos os dias deitava areia no papel e depois tornava a pô-la no tinteiro e o papelinho debaixo da chave, de modo que me curei e venho agradecer-lhe por me ter dado um remedio tão bom e tão barato, que cura a gente sem dar incómodo.

O doutor riu-se muito e por fim mandou o homensinho embora, ficando com a certeza de que *a fé é que nos salva*, muitas vezes...

---



## O CRIADO PEDRO

---

**H**AVIA uma vez um padre, rico abade duma boa freguezia, que tivera uns poucos de criados Pedros e com todos se déra muito mal.

Jurou pois que, por mais annos que visse, nunca mais tomaria ao seu serviço ninguem com este nome; não porque o nome fosse mau, mas, pelo mal que se déra com os outros, criara-lhe aversão.

Ora a pessoa encarregada de lhe procu-

rar serviçal na sahida do ultimo, por mais que procurasse, ou talvez para se não incommodar a procurar muito, encontrou um rapaz chamado Pedro e disse-lhe que ia servir o abade, mas que havia de mudar de nome, ficando a chamar-se José.

Por desgraça o pobre rapaz era realmente um *Pedro das malas artes* e logo que entrou principiou a fazer desparates que muito mal dispozeram o amo, já farto de tolos e tolices.

— «José, sabes ajudar á missa? — perguntou-lhe no sabbado á noite.

— «Sei, sim senhor.

— «Bem, amanhã na missa do dia vê como te portas! Olha que has-de andar sempre atraz de mim.

No dia seguinte, á missa, o rapaz poz-se atraz do patrão e para onde elle ia, ia tambem, de maneira que o padre se não podia mexer, não fazendo senão atrapalha-lo.

Este, desesperado, veiu para casa e disse-lhe logo:

— «José, tu não és José, és por força Pedro, ás tolices que fizeste hoje na missa. Tu não vias que me não deixavas mexer? Devias andar bastante affastado de mim.

No dia seguinte vai o padre para o altar

e o bom do rapaz, com a campainha na mão, foi-se para o fundo da igreja e não houve maneira de o fazer sahir dali.

O padre estava fúlo e não fazia senão gritar-lhe — que por força era Pedro — pois todos os que tivera com esse nome eram assim muito parvos.

E' claro, o rapaz negava e dizia que o tinham mandado afastar e elle assim fizera.

— O' pateta, não é muito longe rem muito perto, assim á distancia daquella vara de tocar os boios.

O que hade fazer o moço, no dia seguinte? Pega na vara, espeta-a nas costas do padre, e poz-se a andar atraz delle de modo que mais parecia a sua sombra. Estava o amo cada vez mais furioso, gritando para o rapaz que elle era Pedro, nem podia ser outra coisa! Aquillo é que era mania, nem que o nome tivesse alguma culpa da parvoice do seu dôno! Emfim o caso é que elle era Pedro e tolo, mas por acaso, claro.

Um dia tinha para jantar uma quantidade de collegas e perguntou ao rapaz se sabia cozinhar.

O Pedro disse logo que sim, mas o amo, sempre desconfiado, foi dizendo:

«O melhor é matar-se uma gallinha,

que isso é coisa que por si mesmo se faz. E não mexas naquella travessa que tem veneno para os ratos.

Eram ovos molles, mas, como sabia que o rapaz era guloso, foi-lhe dizendo assim.

O moço foi á capoeira buscar uma galinha, meteu-a na cozinha onde acendera um grande lume, pôz-lhe um alguidar com agua e uma faça ao pé e foi para a casa de jantar, onde vio os ovos moles muito amarelinhos e apetitosos. Não poude resistir, apesar de imaginar que era veneno; provou um bocadinho, achou doce, e enfiou a travessa toda para o estomago.

Agora o vereis: começou a gritar que estava envenenado, fazendo tamanha berraria que alvoroçou a terra!

Chega o abade com os amigos, chama que chama pelo criado, mas resposta nenhuma obteve e só ouvia gritos e lamentos que mais o intrigavam.

Vai á cozinha, e vê a galinha viva aos saltos, ao pé do lume, com o alguidar e a faca no meio do chão; procura o dôce, encontra-lhe o sitio; corre á salla e vê tudo cheio de gente que vinha saber o que acontecêra ao rapaz, que não se ouvia senão gritar que estava envenenado com o remedio dos ratos...

Não podendo mais, vai ao quarto do moço  
e encontra-o fingindo-se morto.



— «Pedro, tu por força és Pedro! Salta  
cá para fóra, que — aquilo era veneno que  
não mata os Pedros.

— «Senhor abade, então não estou morto, porque me chamo Pedro.

— Não estás, mas vais sahir já para o meio da rua, porque não fazes senão asneiras. Então o jantar já está pronto?

— «Eu, antes de morrer, levei a gallinha para o pé do lume, puz-lhe faca e alguidar, agua e panêlla ao pé para ella se fazer por si mesma, como o sr. meu amo disse. Acho que deve estar contente comigo!

— «Estou, estou, mas vai-te já embora, que não te quero mais em casa.

O rapaz, muito desconsolado, lá foi para sua casa, mas julgando que o patrão é que era maluco e mal agradecido.

Quantas pessoas, assim como o Pedro, embora mudem de nome e de posição, ficam sempre espertas como elle? Mas, como elle tambem, julgam sempre andar bem e que os outros é que são parvos e não se sabem explicar.

---





## O PRINCIPE DO LODO

**H**AVIA um rei e uma rainha que eram ambos muito teimosos. O rei teimava, a rainha ainda teimava mais, e por qualquer coisa armavam uma questão, de modo que viviam pessimamente.

Um dia que estavam os dois num terraço do palácio, disse a rainha, olhando para a estrada:

— «Que lindas vaquinhas que vêm além!

— «Vaquinhas? Aquilo são bois e muito feios. Para que diz Vossa Magestade que são vacas bonitas?

— «Eu que o digo é porque o são.

— «Vossa Magestade diz isso porque é

muito teimosa, e eu não a posso aturar mais.

Mandou reunir o conselho de ministros e fez-lhes sentir que era seu desejo desterrar a rainha. Como era gente pouco independente em suas opiniões, aceitaram a ordem que lhes dava o rei, e a pobre senhora foi condemnada ao desterro.

Alugaram um navio, com ordem de leva-la a uma certa ilha deserta, que lhe indicaram. No meio da viagem e sem que o capitão soubesse como nem porquê, o navio parou, e nasceu um pequenino príncipe, a que a mãe chamou Lôdo. Depois, o navio continuou a andar, e chegaram á tal ilha deserta, onde havia muitos macacos, que ficaram satisfeitissimos, mostrando pelas suas momices quanto estimavam a visita. De entre elles sahio um, muito grande, que ofereceu o braço á rainha e a conduziu até uma especie de covil onde se podia abrigar muito bem com a criança.

O macaco rodeava-a de cuidados e, como era o chefe de todo aquelle povo macacal, parecia ordenar aos súbditos que respeitassem a senhora e a criança, que elle estimava e enchia de mimos.

Assim foi criado o príncipe, que a rainha ensinava e educava, contando-lhe o que se passava pelo mundo donde ella viera para aquelle deserto. Já tinha quasi desenove annos, quando andava um dia a passear na praia e viu ao longe um navio. Subiu a uma arvore e fez-lhe muitos signaes, até que do navio perceberam que era gente que chamava e para lá se dirigiram. Perguntou-lhe o capitão se queria embarcar e elle respondeu que naquelle momento não, mas que dissesse a hora a que havia de aparecer no dia seguinte.

O capitão marcou-lhe a hora e elle foi a correr contar á mãe o que se passára, resolvendo fugir do reino dos macacos. Apesar do bem que tinham sido tratados, morriam de aborrecimento com taes companheiros que os não podiam comprehender completamente.

Na manhã seguinte conseguiu sahir da tóca mais a mãe, e, só depois de embarcados, é que o macaco maior deu pela falta, chamando-os em altos gritos e chorando muito, vingando-se nos outros macaquitos nos quaes bateu por não terem sabido ser bons guardas.

A rainha e o príncipe do Lôdo tambem

tiveram pena do bom animal; mas, se não tinham nascido macacos, como se poderiam satisfazer com tal companhia?!

O navio começou a navegar, e no meio da viagem parou, sem o capitão saber porquê nem porque não.

Disse elle para os passageiros:

— «Tem graça! Faz hoje desenove annos que aqui passei com uma senhora; o navio parou exactamente neste logar, e só tornou a andar depois de nascer o filho que deixei com ella na ilha deserta.

O principe, que isto ouviu, disse:

— «Capitão, amarre-me uma corda á cintura, que eu quero ir ao fundo do mar ver o que ha neste sitio.

O capitão fez o que elle pediu; e o principe, descendo ao fundo do mar, viu um palacio maravilhoso, todo de coral e perolas, e sentadas a uma mesa de jogo duas formosissimas damas. A menos bella entregou-lhe uma taboa de jogo, toda de ouro lavrado e pedras preciosas, e disse-lhe:

— «E' agora occasião, principe do Lôdo!

Mas o principe não poude responder porque de cima puxaram a corda e fizeram-no subir. Ficou muito contrariado e

só pensava nas duas lindas senhoras do fundo do mar.

O navio continuou a andar sem dificuldade até que chegou ao reino do pae do principe.

— «Agora — disse elle para a mãe — não temos nada que dar ao capitão que nos trouxe; acho que lhe devemos dar esta taboa de jogo, que é uma riqueza e uma obra prima.

A mãe aprovou a ideia e elle ofereceu a taboa ao capitão, que por sua vez a achou tão rara e tão rica, que resolveu mandá-la ao rei.

Os cortezãos tiveram inveja, por verem que um simples capitão de navios dava ao rei uma tão valiosa prenda, e começaram a dizer: — que a dadiva era incompleta, pois pertencia a um jogo e faltava a outra taboa; que o capitão tinha feito pouco do seu rei oferecendo só parte do jogo...

O que faz o pateta do rei? Fica desesperado e, mandando chamar o capitão, disse-lhe: — que no espaço de um anno lhe havia de apresentar a outra taboa igual, aliás o mandaria matar, pois aquella dadiva era uma ofensa á sua pessoa real.

O capitão andava muito apouquentado

porque ia já quasi o anno passado e elle sem encontrar o principe do Lôdo, unica pessoa que poderia ir ao fundo do mar procurar a outra taboa do jogo. Até que o encontrou e lhe pediu que o livrasse daquella affição.

— «Da melhor vontade — disse — se me levar ao mesmo sitio donde trouxe esta..»

O capitão mandou aparelhar o navio e levou-o ao mesmo ponto, onde parou, sem ser preciso fazer manobra alguma. Ataram o principe pela cintura e assim desceu ao fundo do mar, como da primeira vez, e entrando no palacio de coral e perolas, lá encontrou as duas damas. A mais formosa queria dar-lhe a segunda taboa, dizendo:

— «E' agora occasião, principe do Lôdo!

Mas o principe não a quiz aceitar, mandando as princêsas para cima e ficando para subir depois, quando lhe tornassem a deitar a corda.

Mas o capitão, quando viu as duas senhoras e a taboa do jogo, não se importou do principe que ficava no fundo do mar e fez o navio tomar rumo para a sua patria.

Então o principe entrou no palacio, e veiu um leão, que teve de vencer com

grande valor, para poder entrar. Nisto veio uma ave de rapina e deitou-se ao corpo do leão a comê-lo com voracidade, e quando estava bem farta disse para o príncipe:

— «Então deixaram-te cá ficar em baixo?

— «E' verdade!

— «Deixa-me comer este leão que tu mataste, e em paga eu te levarei nas minhas azas.

Assim foi. Quando acabou de comer o leão, mandou-o sentar nas suas costas e subiu pelo mar acima, voando pelos ares até chegar a uma ilha deserta.

Poisou-o em terra e disse:

— «Fica aqui enquanto eu vou comer outra vez carne para ter mais força. Olha, se tiveres medo, sobe para aquella arvore, mas não a cheires, já te previno.

O príncipe ficou só e subiu para a arvore, dizendó comsigo:— a ave disse-me que não cheirasse esta arvore, mas porque não a heide eu cheirar?!

E cheirou-a, tornando-se logo num velhinho muito engelhadinho e fraco.

Vendo-se assim, disse comsigo:— fi-la bonita! Mas tambem não heide eu ser só a ficar velho!

E cortou um ramo da arvore, que  
meteu on gibão.



Chega a ave e disse-lhe:  
— «Ah, tu cheiraste a arvore!?»



— «Então porque não a havia eu de cheirar?! A gente deve saber tudo.

— «Bem, sobe outra vez para as minhas costas, e vamos. Se fores esperto ainda serás feliz.

Voaram assim, por muito tempo, até que chegaram a outra ilha deserta. E a ave tornou a pô-lo no chão e a dizer-lhe que esperasse, enquanto ia comer mais carne para ter força, e que se tivesse medo subisse a certa arvore, mas que já lhe não dizia que cheirasse nem que não cheirasse, fizesse elle o que quizesse.

O príncipe subiu á arvore e disse consigo:

— «Sim, vou cheirar a arvore, então porque não a heide cheirar? A gente deve saber tudo. Mais velho do que estou não posso ficar, então vamos a ver.

Cheirou a arvore e logo se tornou moço, forte e bello como era. Cortou então um ramo e meteu-o no peite, como tinha já feito ao da outra arvore.

— «Ah, cheiraste tambem esta!?! — disse a ave, quando veio — então sobe para as minhas costas, que se fôres esperto ainda has-de ser feliz.

Depois voou, voou até que o foi pôr á porta da casa onde a mãe vivia.

Agora deixemos o principe e voltemos ao capitão. Foi dali com as duas princêsas ao paço para as entregar ao rei, mas ficaram como duas estatuas, sem falar nem rir. A mais formosa segurava a taboa de oiro na mão e ninguem lha podia tirar.

O rei mandou deitar um pregão e pôr editaes para que fosse ao paço contar historias e anedótas ás princêsas quem quisesse — que teria grande premio aquelle que conseguisse faze-las rir.

Foi então o principe do Lôdo, cheirou o ramo que tornava velhos os mais bellos moços, e apresentou-se á porta do palacio para o deixarem ir contar uma historia ás damas encantadas.

Os criados riram-se da pretensão do pobre velho e mandaram-no embora, dizendo: — que melhores e mais espertos lá tinham ido e não tinham feito nada, o que ia agora lá fazer aquelle? Mas o rei, passando por acaso, quiz saber do que se tratava e, sabendo que são os antigos os que mais historias e anedótas conhecem, deu logo ordem para o deixarem entrar, e disse-lhe:

— «Deve ser curiosa a tua historia, bom velho! E eu tambem a quero ouvir.

Foi então o principe deante das duas senhoras que não falavam nem se riam, e



contou a historia dos reis e da sua teimosia. Contou depois como elle nascêra no meio do mar, e a sua criação na ilha deserta, e tudo mais que já se sabe. E, quando acabou, voltou-se para o rei e disse :

— «Esta historia é tão verdadeira como eu ser filho de Vossa Magestade.

— «Ah, isso é que não póde ser, porque tu és um velho e eu, se fosse verdade ter um filho, seria um rapaz de desenove a vinte annos.

Então o principé cheirou o outro ramo e ficou moço, forte e bello como era. A princêsa mais linda entregou-lhe a outra taboa, dizendo a sorrir :

— «E' agora occasião, principe do Lôdo!

O rei viu então a verdade, foi-se buscar a rainha, reconhecendo ambos que tinham andado mal e jurando não mais ser teimosos.

O principe casou com a princêsa mais formosa, casando a outra irmã com um rei seu aliado, e foram todos muito felizes, e houve uma grande festa, e eu fui lá e não me deram nada.



## HISTORIA DO SENHOR MANUEL VALENTE

UMA vez era um gallego, que se chamava Manuel Valente. Passava entre os seus patricios e colegas por ser um homem avisado e de bom conselho, de modo que o atendiam sempre em seus negocios e resoluções.

Assim, depois de muito moirejar e ter grangeado o seu *pé de meia*, combinou com outros da mesma terra para voltarem ás suas casas e descansarem, enfim, dos seus trabalhos e fadigas.

Juntaram-se uns dôze e puseram-se a caminho, a pé já se deixa ver, que era

para mais economia. Andaram todo o dia e quando chegou a noite estavam cansados e cheios de fome. Nisto passaram por cima duma ponte, e um delles, olhando para baixo, imaginou, vendo a lua reflectir-se na agua, que era um enorme queijo que estava no fundo do rio. Cheio de alegria chamou os companheiros, ficando todos de bôca aberta debruçados nas guardas da ponte a olhar para baixo. E diz de lá o senhor Manuel Valente, como sendo o commandante de toda aquella tropa:

— «*Baia*, companheiros, que isto *non* tem que *bêr*. Eu agarro-me ás guardas e outro segura-se aos meus pés e outro aos pés desse até fazermos uma cadeia que chegue ao fundo do rio, para se ir buscar o queijo.

Assim foi. Começaram a segurar-se nas pernas uns dos outros e, quando já estavam quasi a chegar ao fundo, diz o sr. Manuel Valente muito afflicto:

— «Esperem ahi, rapases, deixem-me cá cuspir nas mãos, que já as não sinto.

Se assim o disse melhor o fez. E, como largou as mãos, cahiu todo aquelle cacho de gente no meio do rio, que levava bas-

tante agua, tomando um banho forçado e que não foi muito agradável. Emfim, com grande trabalho e não pouco risco, lá conseguiram salvar-se, e era já manhã quando se viram todos em terra. Como estavam encharcados deitaram-se no chão, muito juntos para secarem ao sol e sentirem menos frio. Assim estiveram muito tempo, muito tempo, e por fim já estavam afflittissimos porque julgavam ter confundido as pernas de tal maneira que lhes seria impossível saber cada qual das suas. Estavam nisto quando passou um bufarinho, destes que andam de terra em terra a vender panos, e perguntou-lhe o que estavam ali a fazer todos em monte.

Contaram-lhe a desgraça que tinha sucedido quando iam quasi a deitar a mão ao bello queijo que estava no fundo do rio, e disseram-lhe que tinham misturado as pernas e agora não podiam levantar-se porque em tal confusão não dava cada um com as suas.

— «Eu sei dum remedio bom, disse o homem, mas hão de pagar um tanto por cabeça.

De boa vontade pagaram, cada qual o preço que o homem pediu, e elle pegou no

metro e começou a dar pancadaria brava para um lado e para o outro; os gallegos puseram-se logo em pé, berrando com a dôr, mas agradecidos pelo remedio.

Guiados pelo sr. Manuel Valente, continuaram o seu caminho. Mais adiante encontraram uma vaca morta no chão. Com muito medo do animal não queriam passar e punham-se de longe a chama-lo:

— «O' vaca, ó vaca!...

Mas o bicho nem se movia. O Manuel Valente encheu-se de coragem e diz:

— «Viva que *non* viva, ó vaca, hú!...

E partiram todos a correr, só parando muito longe, quasi já sem folego.

Ainda mais adiante encontraram um soldado que recolhia do exercito, pobre como Job. Vendo os gallegos, pensou em tirar partido do encontro e, pondo a arma á cara, disse-lhes: que cada um lhe havia de dar um *pinto* (1), senão não os deixava passar. Como elles eram dôse, recebeu dôse *pintos*, que meteū no bolso, a rir.

Estes, quando o viram a distancia, começaram a insulta-lo e o sr. Manuel Valente

---

(1) Moêda antiga do valor de 480 réis.



volta-se para os companheiros e diz com grande arreganho:

— «Ah, rapases, que se nós fossemos mais, o portuguesito do diabo levaria o *pinto ó non*.



## OS TRES GALLEGOS

UMA vez vieram da Galliza três gallegos e dirigiram-se á capital, porque, diziam elles, queriam aprender a falar á lisboêta. Para aprenderem melhor separaram-se, seguindo cada qual por sua rua.

O primeiro ouviu dizer, a uns sujeitos bem vestidos que conversavam á porta de uma tabacaria:

— «Nós todos tres...

O segundo parou defronte dum ourives, onde estavam umas senhoras vendo as joias e ouviu uma dizer:

— «Por nosso gosto...

Vai o terceiro e encontra uma grande multidão aclamando um homem que se tornára notavel, e ouviu dois espectadores que diziam:

— «Justo será!?. . .

Ficaram com aquillo na cabeça e a todo o momento empregavam as palavras que tinham aprendido, para mostrarem que já sabiam falar á lisboèta. Dahi voltaram todos três á terra, radiantes com a sua sabedoria.

No meio do caminho encontraram um homem morto e fôram dar parte á justiça. A justiça perguntou-lhes:

— «Quem o matou?

— «*Nós todos três* — respondeu o primeiro.

— «Porque motivo? — continuou o juiz.

— «*Por nosso gosto* — respondeu o segundo.

— «Bem, então vão ser enforcados.

— «*Justo será* — disse o terceiro.

E assim foram mortos, por quererem falar á lisboèta.

E' o que succede a quem fala sem pensar, nem saber o valor das palavras.



## A RAPOSA E O SAPO

**U**M dia a Raposa foi ter com o Sapo, e disse-lhe:

— «O' compadre, vamos nós a semear uma ceara de trigo, a meias?

— «Pois vamos — respondeu elle — mas como eu sou muito esquecido, em sendo tempo de fazer a sementeira, venha a comadre prevenir-me para tratarmos disso.

Quando veio a ocasião propria de fazer a sementeira, a Raposa foi ter com o compadre Sapo e semearam uma porção de terra.

Chegou o tempo da monda e fôram os dois para o campo trabalhar. Depois veio

o tempo de meter a foice no trigo já maduro, e a comadre disse para o Sapo:

— «Olhe, compadre, arranje quem o ajude na tarefa, porque eu sou mais desembaraçada e não estou para ceifar tudo. Em compensação eu trarei para a merenda um rico manjar, uma panella de manteiga deliciosa.

O goloso do Sapo todo se alegrou só com a ideia da lambarice, e foi pedir ao compadre Teixugo para o ajudar na ceifa.

A Raposa não faltou com a manteiga e os três pozeram-se ao trabalho com tanto afinco, que á hora do almoço já estava uma grande porção de campo ceifado. Disse então o Sapo:

— «Comadre, vá buscar a manteiga e vamos ao nosso almoço!

— «Ora! Estamos tão cansados que nem nos póde saber bem. E' melhor dormirmos primeiro a sésta e depois almoçaremos. Agora, já os previno, aquelle que estiver suado é porque foi comer a manteiga emquanto os outros dormiam.

Deitaram-se á sombra duma arvore e não tardou nada que o Teixugo e o Sapo não pegassem no somno, como quem muito se tinha cansado de manhã. A Raposa,

como esperta que é, deixou-os estar bem adormecidos, levantou-se, comeu a manteiga toda, e depois, com uma pouca de agua, regou á vontade os dois dorminhocos, para depois dizer que tinham suado e portanto comido a merenda.

Deitou-se e adormeceu tambem como pessoa sem cuidados. Quando o Sapo e o Teixeira acordaram e viram a panella vazia, começaram a gritar; a grande manhosa fingiu-se muito espantada e ainda ralhou com elles e os chamou ladrões da sua manteiga, por isso que elles é que estavam suados, signal de a terem comido. Quiz bater-lhes e obrigou-os a trabalhar todo o dia sem comer nada.

Passados dias foi outra vez ter com o compadre e disse-lhe:

— «E' tempo de carregarmos o trigo para a eira e fazermos a debulha.

Assim que viu o grão limpo e bem arneirado na eira, disse-lhe ainda:

— «Compadre Sapo, vamos a fazer uma combinação?

— «Pois vamos. Diga lá a comadre o que é.

— «Para não termos o trabalho de dividir a nossa colheita, vamos pôr-nos no

campo e correremos ao desafio até á eira — o que chegar lá primeiro ficará sendo o dõno de tudo.

O Sapo disse que sim, mas como já estava muito farto de ser enganado, foi a uma ribeira chamar os seus irmãos e pediu-lhes: — que uns fossem para a eira carregar o trigo para casa d'elle e outros se fossem pondo pela estrada fóra, seguindo o caminho que a Raposa havia de levar. Quando ella gritasse por elle: — «compadre Sapo?! — elles responderiam: — «cá vou, cá vou!

De modo que supozesse que iam sempre a par.

Os dois fõram para o campo onde tinham a seara, e a *finória*, fiando-se nas duas pernas, estava satisfeitissima. Desata-ram a correr e o compadre ficou logo para traz, mas a comadre não o imaginava porque todo o caminho o ia chamando:

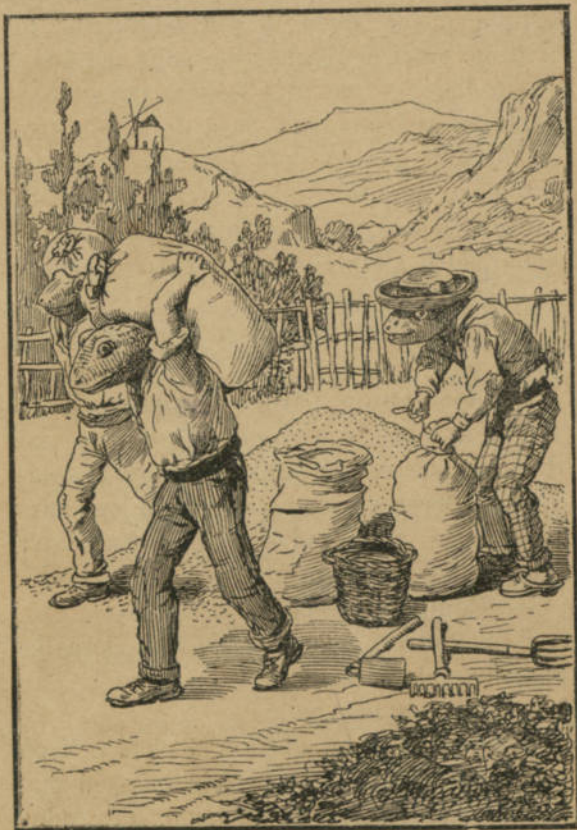
— «Compadre Sapo! . . .

E os outros, pela estrada fóra, iam-lhe respondendo sempre:

— «Cá vou, cá vou!

Muito intrigada, chegou á eira, e ficou surprehendida e desesperada, não encontrando nem um grão de trigo, que todos

os sapos tinham carregado para casa do  
senhor compadre.





Cheia de vergonha fugiu para a sua tóca e, desta maneira, o sapo enganou aquella vaidosa e desleal companheira, que se julgava muito esperta.

Assim, muitas vezes, os que querem enganar são enganados, só causando rego-sijo a quem lhes conhece as traças e as pode evitar.



## A PRINCESA E O POBRE ALDEÃO

**E**RA uma vez um rei e uma rainha que não tinham filhos, o que lhes causava grande desgosto. Um dia nasceu-lhes uma formosa menina, que trouxe grande alegria ao palacio.

Ora a princesinha veio com um sinal no corpo, que ninguem conhecia, alem dos pais e das suas aias e criadas do quarto.

Tinha dois cabellos nas costas, um com um colchete outro com uma colcheta, que vinham apertar no lado do coração. Como era coisa muito extraordinaria, e que nunca se tinha visto, disse o rei para a rainha.

— «Não casaremos a nossa filha senão com o homem que adivinhar o segredo dos sinaes com que ella nasceu.

Para que isto constasse e todos o ficassem sabendo bem, mandaram um preegoeiro pelo mundo a anunciar as condições que os reis exigiam para concederem a mão da princêsa.

Neste meio tempo ella cresceu, tornou-se uma bella senhora, mas por mais pretendentes que viessem, principes e cavalleiros de todos os países, chamados pela fama da sua bellêsa e espirito, nenhum era aceite porque nenhum adivinhava tal segredo.

Tantos vieram e voltaram desanimados a suas casas, que já ninguem se arriscava a apresentar-se como pretendente. Até que um pobre rapaz que vivia numa aldeóla desconhecida, trabalhando nos campos e mal ganhando para comer e sustentar os pais, vendeu os bois com que lavrava a terra, juntou alguns vintens e resolveu ir de longada até á côrte ver se descobria o tal sinal que tinha a princêsa.

Não quiz ouvir os conselhos e lamentações dos velhos pais e poz-se a caminho.

Andou, palmillhou uns bons dias de

jornada, até que encontrou um homem deitado no chão com o ouvido encostado á terra.

Parou, muito admirado, e perguntou-lhe o que estava a fazer.

— «Olhe, chegue cá se quer ouvir — respondeu elle — dois alfaiates que estão, daqui a muitas leguas, á descompostura e á pancada um ao outro por causa de uma agulha.

— «Então ouve tanto?

— «Sim senhor, tudo quanto se passa eu oiço; a questão é pôr os ouvidos á escuta.

— «Quer vocemecê ir comigo para Lisboa?

— «Vou, mas quanto me dá por dia?

— «Dou-lhe dôse vintens e de comer e beber.

O homem aceitou e foram seguindo viagem. Mais adiante encontraram um homem com as pernas atadas com um barbante. Perguntou-lhe o rapaz, muito admirado, para que era aquilo.

— «E' porque eu ando tanto, tanto, que tenho de amarrar as pernas para não passar adiante duma lebre que estou aqui a esperar.

— «Será possível que isso seja verdade?

— «E', sim, senhor, pode experimentar.

— «Quer vocemecê ir comigo para Lisboa?

— «Irei; mas quanto me dá?

— «Dôse vintens por dia e de comer e beber, como a este meu companheiro.

O homem achou boa a paga e seguiram todos tres em direção á capital.

Mais adeante encontraram outro sujeito ao pé de um grande rio, a assoprar, com tal força que as aguas se dividiam e elle atravessava a pé enxuto por sobre o leito da torrente.

O rapaz ficou boquiaberto e não se conteve sem que fosse tambem propôr-lhe para o acompanhar a Lisboa.

— «Sim, não terei duvida, — respondeu elle — mas quanto me ha-de dar de soldada?

— «Tanto como a estes meus companheiros: dôse vintens por dia e comer e beber.

O homemsinho da ventania aceitou e lá seguiram os quatro a mesma caminhada.

Mais adeante depararam com outro homem muito atento a fazer pontaria para o ar. Os quatro olharam para o céu, e como

nada vissem encheram-se de curiosidade e foram-lhe perguntar:

— «Olhe lá, ó tiosinho, o que está vo-  
cemeçê a fazer ?

— «Estou a alvejar um passarito que  
subiu para cima das nuvens.

— «Então vê assim tão bem ?!

— «Ora se vejo! Tudo quanto quero,  
ainda que seja a muitas leguas de distan-  
cia.

O rapaz pensou que estava ali um ex-  
cellente ajudante, que o acaso lhe fazia  
encontrar, e disse-lhe logo:

— «Porque não vem você connosco  
para Lisbôa ?

— «Não se me dava ir, mas quanto me  
paga ?

— «O mesmo que a estes: dôse vintens  
por dia e de comer e beber.

— «Está bem, aceito.

E seguiram os cinco pela estrada fóra.

Mais adiante encontraram ainda outro  
homem, com um moïinho ás costas. Muito  
admirado com tal força, perguntou-lhe o  
rapaz:

— «O que anda ali a fazer com esse  
casarão em bolandas ?

— Olhe, meu senhor — respondeu o gi-

gante poisando a sua carga e limpando o suor com a maior naturalidade, como qualquer moço que vai fazer um frete — eu tenho esté moinho e quando está vento pego nelle e ponho-o no cimo da montanha; quando ha calmaria, como agora, trago-o cá para baixo e a agua do rio mo faz logo mover. Assim posso trabalhar todo o anno, e quem é pobre não tem remedio senão tratar da vida.

— «O' homem, com essa força pode servir-me de muito; quer você ir connosco para Lisbôa?

— «Não tenho duvida em ir, a questão é da jórna.

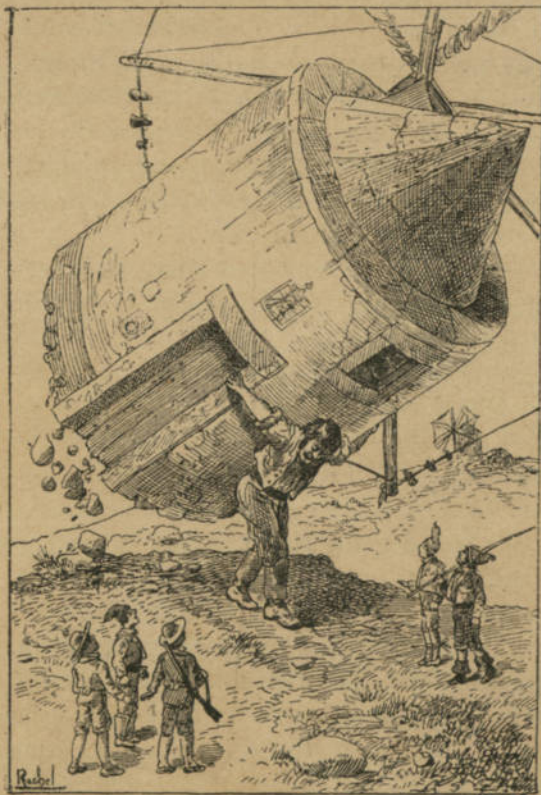
— «Dar-lhe-hei o mesmo que a estes: dôse vintens em dinheiro e de comer e beber.

— «Não é mau, accito.

Seguiram então os seis, alegremente, em caminho da cidade. Mal chegaram levou-os para uma hospedaria modesta, mandou-lhes dar de comer e beber á farta, e depois disse-lhes que fossem pela cidade ver e ouvir as novidades que houvesse.

Todo o seu empenho era saber o segredo da princêsa, mas não queria dar a

conhecer a sua ideia, para que o não atraíssem.



Os cinco criados andaram por todas as ruas, pararam embasbacados em toda a



parte, e á noite recolheram á hospedaria onde o amo os esperava.

— «Então o que viram e o que souberam lá por fóra? — perguntou-lhes.

Cada um disse o que vira e mais lhe tinha agradado e contou o que ouvira. Mas nada era interessante para o rapaz.

— «Pois eu — disse o que ouvia tudo — escutei á porta do palacio e pude ouvir uma conversa das aias da princêsa quando lhe estavam preparando o banho.

— «Conta lá, que hade ser interessante, — respondeu logo o patrão, cheio de curiosidade.

— «A mais velha disse: a nossa princêsa nunca hade encontrar marido.

«Com certêsa, pois quem hade adivinhar o signal que ella tem: dois cabellos com um colchete e uma colcheta que apertam sobre o coração? — respondeu-lhe a segunda.

«E' impossivel alguem adivinhar, e só nós é que o sabemos. «Mas se o contarmos teremos logo a cabeça fóra!...»

«Isso é verdade! — responderam as outras. E' impossivel que a nossa princesinha arranje noivo, se o rei continuar a exigir essa condição.

«Agora já não pode dizer que não, porque fez um juramento e — *palavra de rei não volta atrás!* Pobre princesa!... responderam todas as outras aias a rir.

O rapaz ficou doido de alegria. Chamou o hospedeiro e deu ordem para que os cinco companheiros fossem tratados o melhor possível e os servissem do bom e do melhor, enquanto elle sahia para tratar de um negocio urgente.

Pegou na sua aguilhada de tocar os bois e com modo desembaraçado se apresentou em palacio. Os guardas, sempre pouco amaveis para gente mal vestida, não o queriam deixar entrar, mas não tiveram remedio senão consentir que subisse porque elle fez tal barulho que o rei ordenou que o deixassem subir.

Na primeira sala encontrou a princesa, que olhou para elle com ar muito soberbo e lhe disse que entrasse para outra sala onde o pai recebia a gente ordinaria que o procurava.

— «Não faz mal, princesa — respondeu elle a rir — o que quero dizer não leva muito tempo. E' que eu sei o que é o sinal que vossa alteza tem.

— «Isso não é possível!

— «Sei, sim, senhora, são dois cabellos nas costas, um com um colchete outro



com uma colcheta, que abotôam sobre o coração!

O rei quando isto ouviu cahiu como morto no chão e a princesa e a rainha começaram a gritar — que não se podia aceitar tal noivo!

Quando voltou a si disse o rei ao rapaz, que não fazia senão rir.

— «Vamos a combinar uma coisa.

— «Vamos lá. Estou prompto para tudo.

— «Pois então eu vou mandar um dos meus criados buscar uma bilha de agua que é precisa para a festa; se tu chegares cá primeiro, então a princesa será tua mulher; se fôr o meu criado, perderás a noiva.

— «Aceito a aposta, mas ha-de ser tambem com o meu criado, que eu fico para ver qual chega primeiro.

O rei concordou e elle foi chamar o homem que atava as pernas com um barbante para não andar demasiadamente.

Agora o rei combinára com o seu criado para dar a cheirar ao outro uma flôr que fazia adormecer todos que a chegassem ao nariz.

Como lhe tardasse já o seu homem, disse o rapaz para o outro que via para cima das nuvens: que olhasse para a fonte a ver o que lhe acontecêra.

— «Olhe, meu amo, vejo o criado do rei quasi a chegar ao palácio e o nosso companheiro ainda a dormir ao pé da fonte.

— «Valha-me Deus que estamos a perder a aposta!

Chamou o que fazia dividir os rios com o sopro e mandou-lhe que usasse da sua habilidade. Elle pôs-se logo a fazer tal ventania que o criado do rei foi levado pelo ar a muitas leguas de distancia com bilha e tudo, e o andarilho acordou sobresaltado, pegou na sua enfusa, encheu-a, e num prompto se apresentou com ella em palacio.

O rei quando tal viu ficou desanimado. Chamou o rapaz e disse-lhe:

— «Ganhaste a aposta, mas ainda quero fazer um contrato contigo.

— «Vamos lá a isso.

— «Eu dou-te todo o dinheiro que um dos teus criados possa carregar e tu deixas-me a princêsa minha filha, para a casar com um principe de sangue.

— «Está bem, vou chamar o meu criado. Tambem não faço empenho nenhum em casar com a princêsa.

Dahi a pouco aparece com o homem que mudava os moinhos e disse-lhe:

— «Carrega quanto puderes, que tudo que levares será nosso.

Ora não lhes conto nada! O rei a mandar yir dinheiro sobre dinheiro do seu tesoiro real e o homem a metê-lo para as algibeiras enormes e a pedir mais; era um nunca acabar. Esgotou-se o dinheiro, e vieram as joias, as baixellas de ouro e de prata, até que já nada havia no palacio real e foram os criados buscar aos cofres do estado tudo quanto lá existia. As riquêsas publicas passaram para um sacco imenso que o gigante desdobrou deante dos olhos espavoridos da côrte.

Tudo quanto os servos do rei lhe traziam, vergados sob o peso de tanta e tanta riquêsa, era nada para carregar o valentão do criado do nosso rapaz.

O povo que isto soube começou a juntar-se debaixo das janellas do palacio e a gritar contra o rei, de modo que este, para não ficar mais miseravel do que um pedinte e não desgostar os seus vassallos, teve que pedir ao rapaz que desmanchasse o contrato e aceitasse a mão da princêsa. Consentiu nisto, e depois de pagar generosamente aos seus cinco criados, que voltaram satisfeitos a suas ca-

sas, tratou de se vestir como um príncipe e de tomar professores que lhe ensinassem as maneiras da côrte, de sorte que em pouco tempo era um verdadeiro senhor.

A princêsa ficou então muito satisfeita, não tendo nunca ocasião de dizer mal do juramento que os pais fizeram para poder casar, pois que foi muito feliz com o moço lavrador.

Este não esqueceu os velhos pais, que encheu de riquêsa e satisfação, e foi finalmente um bom rei, como poucos.

---



## O DOUTOR GRILLO

**U**M homem, que se chamava Grillo, vivia muito pobremente com a sua mulher. Vae uma vez disse-lhe:

— «Sabes que mais, vou-me fazer adivinhão!

— «Como hade ser isso? Tu, que não sabes o que se passa, como hasde adivinhar o que está para acontecer?

— «Espêra, vou esconder a vaca do nosso compadre, e depois, quando elle andar muito afficto a procurá-la, vou-lha buscar e digo que adivinhei. Assim é que se faz para ganhar fortuna.

A mulher começou a rir-se da sua ideia; mas elle não quiz saber, e foi a casa do



compadre, tirou-lhe a vaca e esperou os acontecimentos. O compadre, quando deu pela falta do animal, arrepelou-se e gritou, perguntando a toda a gente se teriam visto a sua vaquinha.

— «Olhe, compadre, — disse o Grillo — eu tenho uma voz cá por dentro que adivinha tudo e então eu vou pensar e depois lhe direi onde está a sua vaca escondida.

Fingiu que estava a pensar e de repente disse o sitio em que a tinha guardada. Foram lá busca-la, o compadre deu-lhe boas alviças, e começou a correr logo a fama de que tinha apparecido um doutor novo chamado Grillo, que era um grande adivinhão.

Até que chegou a noticia ao palacio do rei, e, como tinha desaparecido do tezoiro uma grande riquêsa, foi chamado o doutor Grillo para dizer quem fôra o ladrão — e que se no praso de três dias não adivinhasse seria morto.

O homem dizia mal á sua vida e dava ao demonio a ideia que tivera de se fazer *adivinhão*, mas era tarde para reconsiderar e já agora tinha que se calar e resignar-se a morrer.

Levaram-no para um quarto, fecha-

ram-no a sete chaves, e disseram-lhe que pensasse até saber o nome do ladrão.

No primeiro dia mandaram-lhe o jantar por um criado de toda a confiança do rei. O pobre Grillo, muito triste, pensando sómente na sentença de morte, disse:

— «Um já lá vai! Já não me faltam senão dois!

Referia-se aos dias que tinha de vida, mas o criado, que tinha culpas no cartorio, ficou atemorizado e foi dizer a dois companheiros seus:

— «Sempre é certo, o homem é *adivinhão*, pois disse que um dos ladrões já elle conhecia!

No segundo dia veio o segundo criado trazer-lhe o jantar, e o dr. Grillo suspirou com mágua vendo que lhe ia fugindo o tempo:

— «Dois já eu cá tenho, agora só falta o terceiro!...

O criado correu espavorido a prevenir os companheiros.

No terceiro dia foi o terceiro criado levar-lhe o comer, e o pobre doutor gritou, quando o viu:

— «Ai, o terceiro, o terceiro, que já eu cá tenho!...

O criado, ouvindo isto, cahiu de joelhos deante d'elle, pedindo por todos os santos e santas da côrte do céo para que os não denunciasse senão com a condição do rei lhes poupar a vida, pois tinham sido elles tres os ladrões do tezoiro real.

O dr. Grillo, contentissimo como se pôde imaginar duma pessoa que já contava ir á força e se vê salva, prometeu o que os desgraçados lhe pediam, e no dia seguinte apresentou-se muito soberbo deante do rei e de toda a côrte reunida.

— «Então — disse-lhe o rei — quem é o ladrão do meu tezoiro?»

— «Já sei os seus nomes, Senhor, mas só os direi com a condição de que os deixareis ir em paz.

O rei prometeu, e então apresentou-lhe elle os tres criados infieis, que tudo confessaram, entregando o que lhes não pertencia. Foram expulsos da côrte, mas, cumprida a palavra real, não tiveram mais castigo.

O rei mandou uma boa somma ao Dr. Grillo, que se queria ir embora para a aldeia onde era esperado pela mulher e pelos filhos e onde estaria muito mais seguro, mas não o deixou, querendo experimentar melhor a sua habilidade.

Um dia levaram ao palacio, de presente, uma porca dentro dum sacco e o rei mandou chamar o *adivinhão* e perguntou-lhe se era capaz de saber o que estava ali dentro.

Olhou por um lado e por outro, mas, como não podia tocar-lhe e o animal não dava sinal de si, voltou-se para o rei e disse muito atrapalhado:

— «Aqui é que a porca torce o rabo!

— «Adivinhaste, é uma porca — bradou o soberano satisfeito,

Mas ainda desta vez não ficou convencido completamente da espertêsa do homem, e um dia em que andavam no jardim, apanhou um grillo, fechou-o na mão e disse para o famoso adivinho:

— «Se me disseres o que eu tenho aqui dou-te muito dinheiro.

O homem, que mal podia imaginar o que era, deu tratos e mais tratos ao juiso sem ser capaz de adivinhar. Muito desçoçoado, disse para si mesmo:

— «Ai Grillo, Grillo, em que mão estás metido!

— «Adivinhaste — gritou o rei muito contente — é um grillo.

Abrindo a mão deixou fugir o pobre animal.

Então acreditou na sabedoria do dr. Grillo, deu-lhe grande somma de dinheiro, e deixou-o ir para casa, mas com a condição de que viria á côrte sempre que desconfiasse que alguém o roubava ou lhe era infiel.

O homemsinho viu-se livre daquella e não podia crêr!

Afinal não foi preciso voltar á côrte, porque dali em deante todos tinham receio de que se soubessem os seus crimes e todos se portavam com muita honradez.

E assim o Dr. Grillo viveu contente e rico o resto dos seus dias, na companhia da mulher e dos filhos que muito estimava.



## A RAPOSA E O GAIO

O Gaio, que é um bonito passaro de vistosa plumagem, com medo dos ladrões e dos assassinos, foi fazer o seu ninho no mais alto de uma carvalheira.

A Raposa, que anda sempre a rondar para fazer mal aos pobres innocentes, porque vive de matar e comer a carne das suas presas, passou por baixo e ouviu o chilrear dos pequeninos gaios, muito alegres com a chegada dos pais que lhes traziam o sustento. Volta-se para cima e diz:

— «Dá-me já um dos teus filhos, ó Gaio, senão deito esta arvore abaixo e como-os todos.

O pobre, por ver a ninhada em perigo,

assustou-se e sacrificou um dos filhos para salvar os outros.

A zorra (1) comeu-o duma só dentada, lambeu os beiços, e foi-se embora, não se importando nada com os lamentos das pobres aves, que choravam lá em cima na carvalheira.

No dia seguinte voltou ella, e disse a mesma coisa.

Mas o Gaio respondeu-lhe:

— «Pois deita a arvore abaixo, que não me importo. Antes quero que morramos todos do que dar-te mais um filho.

A astuciosa o que faz? Vai a correr a uma ribeira que corria proxima, molha a cauda na agua e vem a correr com ella muito empavesada. Como lhe batia o sol brilhava como a folha de uma navalha afiada, e o Gaio, que é timorato, assustou-se e gritou:

— «Não cortes a arvore, que eu te dou mais um dos meus filhos.

Foi o que ella quiz ouvir, apanhou-o na boca e enguliu-o, indo-se embora toda regalada.

Nessa tarde, o Gaio tirou-se dos seus

---

(1) A raposa chama-se vulgarmente *zorra*.

cuidados e foi consultar o Doutor Mocho, conhecido entre todos os outros animais pela sua espertesa e bom conselho, e contou-lhe todos os seus desgostos, desde que a Zorra lhe descobrira o poiso.

— «Não te assustes — respondeu-lhe o Mocho com ponderação — que eu nunca ouvi dizer, nem li nos livros sabios, que o rabo duma raposa possa cortar uma arvore.

O Gaio foi para o seu ninho mais animado, e quando a Raposa voltou a pedir-lhe outro filho — senão deitaria a arvore abaixo — respondeu:

— «Não tenho medo, porque nunca se viu nem se ouviu dizer que o rabo duma zorra cortasse o tronco duma arvore.

A Raposa ficou furiosa e respondeu-lhe:

— «Já sei, já sei. Isso foram conselhos do Doutor Mocho. Elle hade vir a cahir-me nas unhas e então mas pagará.

Dias depois foi o Doutor Mocho chamado a advogar uma causa importante, mas como era longe foi montado num burro. Chovera muito e os caminhos estavam de maneira que o pobre jumento cahiu e ficaram ambos enterrados na lama.

A Zorra, que assistira á scena escondida



atrás duma moita, saltou de lá e filou o pobre sabio.



— «Bravo, minha querida Raposa!—  
disse-lhe o triste Mocho, fazendo das tri-

pas coração, quando já lhe estava entre os dentes — desta vez mostraste que és, como toda a gente diz, o mais esperto dos bichos. A tua victoria é tão grande, por teres conseguido apanhar um sabio como eu, que deves gritar aos quatro ventos — *Comi o mocho! Comi o mocho!*

A Zorra encheu-se de vaidade e abriu a boca para gritar:

— «*Comi o mocho!*»

O sabio doutor, vendo-se livre dos seus dentes, voou com quanta força tinha, respondendo lá do alto:

— «A outro sim, que não a mim!»

Desta maneira se perdem, pela vaidade, os que mais espertos se julgam.

---



## A RAPOSA QUE FOI AO GALLINHEIRO

UM dia a raposa, que rondava havia, muito pela porta dum rico lavrador dono de farta capoeira, descobriu um buraco por onde se introduziu lá dentro. Como o buraco era pequeno encolheu-se quanto possivel, e fazendo-se esguia conseguiu caber por elle.

La só para estudar — pensava ella — como voltaria por logar mais seguro e facil.

Mas o mau foi apanhar-se lá dentro, pois assim que viu deante dos seus olhos as gallinhas, gallos, frangos, patos e perús,

de que estava cheia, não teve mão na gula, deitou-se a elles e comeu, comeu, até se abarrotar.

No melhor da festa, quando já estava que se não podia mexer, sentiu passos no pateo e quiz fugir por onde entrara. Foi-lhe impossivel! O buraco por onde coubéra com a barriga vasia, não lhe deu passagem com ella cheia a mais não poder, por grandes esforços que fizesse. Sentindo-se perdida, de que se hade lembrar a grande manhosa?

Fingiu-se morta! Deitou-se no meio do chão, muito estendida, com a lingua entre os dentes, tal qual como se tivesse morrido de farta.

Quando o lavrador veiu de manhã abrir a porta á criação cahiu-lhe a alma aos pés.

Os pobres animais que a gulotona não comêra matara-os e deixara-os de lado. Cheio de raiva ia para lhe dar uma paulada, gritando:

— «Ah grande marota que estrago me fizeste na capoeira!...

Mas tocando-lhe com o pé imaginou-a já morta e, em vez de lhe bater, agarrou-lhe pelas pernas e atirou-a para a horta, dizendo:

— «Tanto comeste que arrebastaste, foi bem feito! Fica-te para ahi, que logo te enterro, malvada!

A espertalhona, logo que se viu fóra da capoeira, deu um pulo, e pernas para que te quero! Aquillo foi fugir pelos campos fóra que nunca mais lhe poseram a vista em cima.

Então o lavrador jurou a si mesmo nunca mais se fiar em pessoas intrujonas, nem mesmo quando parecessem mortas.



## A AFILHADA DE S. PEDRO

**E**M tempos que já lá vão, houve um homem e uma mulher que eram muito pobres.

Tinham tantos filhos que já não havia ninguém na aldeia que não fosse seu compadre, de modo que ao nascer o ultimo filho, que era uma menina, envergonharam-se de convidar padrinhos na terra.

E disse o homem para a mulher:

— «Parece mal pedir aos vizinhos e aos amigos para nos batisarem mais esta filha e então vou correr mundo até que alguém nos queira fazer essa esmola.

A mulher concordou, fez-lhe o farnel para a jornada, e lá partiu.

Andou, andou, até que por fim encontrou um velho de grandes barbas brancas, vestido de mendigo, que lhe perguntou para onde ia.

O homem contou logo a sua triste vida, e o pobre — que outro não era senão S. Pedro disfarçado em pedinte — offereceu-se para ser padrinho da criança.

O pai ficou muito satisfeito por achar uma pessoa de tão boa vontade, e vieram os dois para casa.

Ora o compadre prometeu proteger a afilhada, mas com a condição de que não diriam a ninguém que era uma menina e a vestiriam de rapaz, andando sempre assim e chamando-a Pedro, que era o seu nome.

Os pais concordaram de boamente com o desejo do velho, e elle, depois de abençoar a afilhada, desapareceu prometendo voltar logo que fosse preciso.

A menina cresceu em graça e belleza, mas, como andava sempre vestida de rapaz, ninguém a tomava por mulher e não reparavam para a sua formosura.

O padrinho é que se não esquecia de a mandar ensinar e, como aprendia muito

bem, aos dose annos já sabia lèr e tocar guitarra á maravilha.

Quando o professor não tinha mais que lhe ensinar, o padrinho trouxe-lhe, um dia, um rebanho de ovelhas recomendando-lhe que todos os dias as levasse ao pasto.

A menina assim fazia e, para não passar aborrecida aquellas horas de solidão, levava a sua guitarra, tocava e cantava, de maneira que era um encanto ouvi-la.

Um dia estava tocando atraz de uma moita quando passou na estrada o poderoso rei daquelle país, com a sua numerosa comitiva.

Ouvindo musica tão suave, como só as fadas ou os anjos executariam, mandou pelos camaristas saber quem era e onde estava o artista, pois o queria levar immediatamente para a sua côrte.

A menina, que era muito acanhada, mal ouviu ruido embrulhou-se na sua manta e escondeu a guitarra debaixo do braço. Vieram os fidalgos perguntar pelo grande artista que sua magestade queria honrar e, vendo apenas aquelle pastorsito humilde, perguntaram-lhe se tinha visto quem tocava tão admiravelmente.



— Que não sabia — respondeu a *afilhada*  
de S. Pedro — que houvesse naquelle des-



campado quem tocasse tão bem, como elles  
diziam.

Voltaram ao rei com esse recado e de tal modo elle se enfureceu que não houve cavalleiro que não estremecesse, apesar de valentes e destemidos na guerra e na paz.

Como não visse mais que o pastorsito que se afastava com o rebanho, chamou-o, elle proprio, e mandou-o desembuçar. O Pedro assim fez, tremendo como varas verdes, e mostrando a guitarra que tinha procurado esconder. Ordenou-lhe o rei que tocasse e de tal fórma o fez que toda a comitiva ficou pasmada.

Cheio de admiração o rei jurou ali mesmo que nunca mais aquella criança maravilhosa sahiria da sua companhia, pois naquella musica encontrava consolação para todas as suas maguas. E mandou a um dos pagens que lhe cedesse o seu cavallo e continuasse a pé.

— «Não, meu senhor — disse o Pedro — eu não posso ir, porque estas ovelhas são do meu padrinho e não as posso abandonar aqui sem guarda.

— «Eu darei o valor dellas ao teu padrinho.

— «Não, meu senhor! Se quer que eu o acompanhe de boa vontade deixe-me ir entregar o rebanho, que eu volto já.

Correndo como um cabritinho, foi atraz de um penedo e chamou:

— «Valha-me aqui o meu padrinho!

Imediatamente lhe appareceu o velho santo, com as suas barbas brancas e o seu pobre fato de antigo pescador, que lhe perguntou o que desejava.

— «E' o rei que me quer levar para o palacio porque a musica da minha guitarra suavisa a grande magua em que vive.

— «Pois bem, vai com o rei, mas não te esqueças de pedir um quarto só para ti, dizendo-lhe que sem isso não o poderás acompanhar.

O soberano concordou de boa vontade com esse simples pedido e o pastorsinho seguiu na comitiva real como pessoa de maior estimação, enquanto o bom do padrinho ia levar as ovelhas e dizer aos pais o destino que levára a filha.

Ora o rei era casado com uma senhora muito má, que o tornava infeliz com o seu genio invejoso. Primeiro, quando viu o rapazinho e ouviu a sua guitarra, ficou muito contente e não havia festa que lhe não fizesse; depois, notando a predilécção que por elle manifestava o rei e toda a

côrte, pois não havia dama nem cavalleiro que o não estimasse e procurasse ocasião de o ouvir, encheu-se de furia má, e resolveu perder a criança.

Neste proposito foi um dia ter com o marido e disse-lhe com ar de muito boa pessoa — que o Pedro affirmára ser capaz de separar um moio de trigo doutro de cevada, no espaço de uma noite.

O rei admirou-se, mas, não querendo desfeitear a rainha duvidando da sua palavra, chamou o Pedro e perguntou-lhe se era verdade o que lhe contara a rainha.

— «Real senhor, tal não disse, mas se a Rainha o afirma é porque é verdade.

— «Pois sob pena de morte se não cumprires, hasde fazer o que a rainha me disse.

A rapariga poz-se a chorar e foi a correr fechar-se no seu quarto. Como estava muito afflicta, lembrou-se do seu protector e chamou: — «Valha-me aqui o meu padrinho!»

Apareceu logo S. Pedro, com o seu queijado, e perguntou-lhe que apoquentação era aquella. Contou-lhe tudo e o santo socegou-a dando-lhe ordem para ir dizer ao rei que lhe mandasse para ali os dois

moios de trigo e cevada, que de noite os escolheria.

Depois quiz a porta bem fechada e tapadas todas as frinchas e o buraco da fechadura e tudo por onde se podesse, de fóra, espreitar.

Feito isto, ordenou-lhe que dormisse socegada.

Mas a menina vendo avançar a noite e o trabalho por fazer encheu-se de desânimo e poz-se a chorar. E chorou tanto, tanto, que porfim adormeceu de cansasso. Alta noite acordou e qual não foi a surpresa vendo o padrinho, rodeado de lindos meninos, que supoz serem anjos, a trabalharem na escolha do trigo?! Tornou a fechar os olhos e de manhã quando despertou viu o trabalho já prompto, o trigo a um lado e a cevada ao outro. Estava só o padrinho, a quem agradeceu cheia de contentamento.

Foi a correr participar ao rei, que veio com a sua côrte admirar aquella maravilha!

Todos se regosijaram por verem que escapava á morte com tanta honra; só a rainha ficou raivando por vêr que não tinha dado resultado a sua mentira.

Tempos depois voltou a dizer ao rei que o Pedro tinha dito, a quem o queria ouvir, ser capaz de ir ao mar buscar um anel que elle perdêra, uma vez em que andava a viajar.

O rei mandou logo chamar o Pedro a quem perguntou se era verdade o que a rainha lhe tinha dito.

O rapaz respondeu — que não, mas se a rainha o afirmava é porque era a verdade. E correndo para o seu quarto chamou peio padrinho a quem contou a sua nova aflicção.

— «Pede-lhe uma lança e um cavallo de batalha e vae para a praia que eu lá estarei contigo.

O rei ordenou aos seus servidores que sem demora satisfizessem o pedido de Pedro, e elle, montando a cavallo, partiu a galope com a sua lança em punho.

A rainha convidou as grandes damas do reino para irem com ella para um palacio á beira-mar e verem dahi como o favorito do rei ia perder os seus créditos, não conseguindo achar o anel.

Quando S. Pedro appareceu e olhando para o palacio viu todas as varandas e terraços cheios de senhoras, levantou a

mão e deitando a bênção fez descer um  
tão espesso nevoeiro que nada puderam



descortinar. Depois ordenou ao afilhado  
que estendesse a lança para tirar o anel.

Como por encanto, o anel subiu do fundo das aguas e veio enfiar-se na ponta da lança.

Cheio de alegria voltou o moço ao palacio onde já estava a rainha com as damas, muito desapontada com o nevoeiro que lhes tirara a vista.

O Pedro mal enxergou a rainha fez parar o seu bello cavallo de batalha e, pon-do-se em pé nos estribos, estendeu-lhe a lança na ponta da qual ia enfiado o anel.

O rei e toda a côrte aplaudiu com muitas palmas a gentileza do cavalleiro e a propria rainha fingiu estar satisfeita com o pequeno musico.

Tempos depois lembrou-se ella de fazer nova intriga e disse — que o rapaz jurára ser capaz de ir á *Moirama* livrar a filha do rei que estava encantada havia muitos annos, sendo essa a causa do maior desgosto da sua vida.

Alvorçado com tal noticia chamou o Pedro e perguntou-lhe se era verdade o que a rainha contára.

O Pedro negou, mas o rei não quiz saber do que elle dizia e repetiu-lhe o mesmo que das outras vezes, mas com tanta autoridade que era impossivel re-



cuar — que fosse, e se não cumprisse a sua palavra sofreria a mais afrontosa pena de morte dada aos embusteiros.

Desanimada com tanta coisa que lhe sucedia, foi a menina para o seu quarto e chamou o padrinho, debulhando-se em lagrimas ao dar-lhe parte do sucedido.

— «Não te apoquentes — respondeu S. Pedro. Quem te livrou das outras também te livrará desta. Vai ao rei e pede-lhe dois cavallos, um para ti, outro para a princêsa. Depois vae sem receio que eu estarei contigo. A' entrada da *Moirama* hade estar um leão, se tiver os olhos fechados é que está acordado, espera que os abra; se tiver os olhos abertos é porque está a dormir. Tira-lhe da bôca a chave que nella terá e abre a porta que encontrares ao teu lado esquerdo. Entra, pega na menina, e vem-te embora. Repara em todas as palavras que a princêsa disser e não as esqueças.

Assim como o padrinho recomendou, assim ella fez. Quando abriu a porta do captiveiro a princêsa, que era muda, deu um grande *ai*. Montaram a cavallo e partiram a galope, temendo que os moiros os perseguissem, e no meio do caminho a

princêsa tornou a dar um *ai*. Ao entrarem no palacio soltou terceiro *ai*.

O rei ficou satisfeito a mais não poder. Mandou fazer festas por toda a parte e foi tal o regosijo que durante muitos dias ninguem pensou senão em divertimentos e festejos.

Só a rainha não descansava na sua maldade. Como a enteada era muda foi ter com o rei e convenceu-o de que o Pedro afirmára ser capaz de dar fala á princêsa sua filha.

E logo o pobre musico foi chamado á presença real e intimado a cumprir a palavra que déra, sob pena de morte.

Muito apoquentada recolheu-se a menina ao seu quarto e chamou:

— «Valha-me aqui o meu padrinho!

S. Pedro appareceu logo e, ouvindo a nova intriga da rainha, exclamou:

— «Pois vai dizer-lhe que desta vez não é possivel cumprires com a palavra da soberana e então estás resolvido a morrer. Pede que mandem levantar uma forca deante do palacio e só desejas que toda a côrte assista á tua execução.

A menina assim fez, tal qual o padrinho lhe mandou.

Quando já tinha subido os degraus da força voltou-se para o rei, que estava com toda a côrte ás janellas do palacio, e pediu licença para dizer tres palavras ao mundo. O rei, que chorava de pena, concedeu-lhe essa graça, e o Pedro voltando-se para a princêsa muda perguntou-lhe:

— «O' Anna Deladana: Porque dêste tu um *ai* á sahida da prisão?

A princêsa respondeu:

— «Porque a rainha te armou traição.

— «O' Anna Deladana: Porque dêste um *ai* no meio do caminho?

— «Porque S. Pedro é teu padrinho.

— «O' Anna Deladana: Porque dêste um *ai* á entrada do palacio?

— «Porque és femea e te crêem macho.

Ao ouvirem estas perguntas e respostas, todo o povo se levantou numa gritaria aclamando a *afilhada de S. Pedro* e apupando a miseravel rainha autora de todas as intrigas que iam levando á força uma innocente.

O rei mandou que a menina fosse logo vestida de senhora pelas aias e, como era linda de encantar, mais bella ficou com o traje proprio. Mostrou-a então ao povo e

á côrte, declarando que desejava fazê-la sua esposa e expulsar a má e intrigante rainha, que todos odiavam.

Houve aplausos e regosijo geral e, cumprindo-se como disse, não houve reis nem povo mais felizes nem que melhor se entendessem, pois a *afilhada de S. Pedro* estava sempre ao lado dos pobres e dos fracos para proteger e fazer ouvir a justiça.

A princêsa muda recuperou a fala para sempre e ficou tudo muito bem.



## OS TRES GRÃOS DE MILHO

**H**AVIA um homem e uma mulher que eram casados e viviam muito bem, mas o marido tinha um grande desgosto que o não deixava ser completamente feliz — a mulher não comia nada e por mais que lhe pedisse e suplicasse não se sustentava senão com tres grãos de milho.

Com medo que ella morresse, andava muito desconsolado e foi queixar-se a um grande amigo e compadre que tinha.

O compadre ouviu o que elle lhe disse, ponderou o caso, e respondeu-lhe assim:

— «Amigo e compadre, vocemecê não

se fie nessa. Olhe que é impossivel a sua mulher viver só com tres grãos de milho. O melhor é experimenta-la; diga-lhe que vai viajar e suba para o telhado para espreitar o que ella faz quando está em casa só.

O homem agradeceu o conselho ao amigo e foi para casa dizer á mulher que ia fazer uma viagem.

Ella ficou triste, lamentando-se muito, mas lá o deixou ir no dia seguinte de madrugada.

Está bem de ver que o marido, em vez de ir fazer a tal viagem, subiu para o telhado e arranjou um sitio donde podia ver e ouvir tudo quanto se passava dentro de sua casa.

A mulher, mal o viu sahir, chamou a criada e ordenou-lhe que immediatamente fosse cosinhar uma sopa de arroz para o seu almoço, que amassasse um bolo folhado para o seu jantar, e fosse matar um frango para lhe fazer um ensopado (1) para a ceia.

Almoçou com toda a satisfação o seu caldinho de arroz e passou o dia alegre e

(1) Guisado á moda alemtejana.

satisfeita, jantando com todo o apetite a bella torta de folhado. A' noite, quando ia sentar-se á mēsa para comer o ensopado, bateram com força na porta.

Era o marido que, já farto de estar no telhado todo o dia sem comer, e, vendo o logro em que a mulher o trazia illudido, vinha furioso para lhe pedir explicações.

A mulher, que estava no melhor da sua ceia, disse para a criada:

— «Não abras a porta, que pode ser algum larapio!

— «O' senhora, olhe que é o patrão, respondeu a rapariga.

— «Isso é que não é, porque elle sahio para uma grande viagem e não pode estar já de volta.

O marido, de fóra, gritava pouco satisfeito, mas com todo o seu socego a mulher foi comendo e guardando o resto.

Quando deixou a criada abrir a porta já não estavam na mesa o ensopado nem pratos que mostrassem que ella se tinha regalado com tão bella ceia.

Recebeu-o com grande alegria e perguntou-lhe se tinha gostado da sua viagem e porque motivo voltára tão depressa.

— «Olha, mulher, — respondeu-lhe elle  
— eu ia satisfeito para a minha jornada,



mas quando cheguei ao meio do caminho  
sempre começou a cair uma chuva tão



miuda, tão miuda, como o arroz que tu comeste no caldo do almoço. Se não fosse um chapéo que arranjei tão grande como o bolo folhado que jantaste, chegava aqui ensopado como o frango que acabas de cear!

Vendo a mulher que elle sabia tudo, ficou muito envergonhada e nunca mais comeu ás escondidas, vivendo satisfeitos dali para deante, pois já o homem não tinha medo que ella morresse por comer apenas tres grãos de milho em todo o dia.



## O COMPADRE DO DIABO

---

**U**M pobre trabalhador de enxada tinha um compadre muito rico.

Ora esse compadre era nem mais nem menos do que o senhor diabo, mas o homensinho não sabia quem elle era e estimava-o bastante.

Um dia veio o diabo ter com o compadre e disse-lhe:

— «Tu és tão pobre e eu tão rico! Sabes que mais? Tenho dó de ti e lembrei-me de entrarmos de meias num negocio. Eu dou-te um grande campo, tu arroteia-lo, cavas e semeias o que enten-

deres, mas com a condição de ser meu o que ficar debaixo da terra e o que ficar por cima ser teu.

— «Está dito, senhor compadre. Para a colheita venha buscar o seu ganho.

Vai o homem, que percebeu que o rico o queria enganar, foi para o campo, arroteou-o, cavou-o, e fez uma grande sementeira de trigo.

A ceara cresceu e produziu, que foi uma lindeza. Chegando ao tempo proprio, chamou gente, fez a ceifa, malhou, debulhou, secou e recolheu o seu grão — muito satisfeito com a colheita do anno.

Passados dias, quando o diabo chegou para levar a sua parte, disse-lhe o homensinho:

— «Olhe, compadre, vamos lá ao campo, que a sua parte ninguem lha tira.

Foram, mas quando o diabo viu o restolho muito amarello do trigo e as raizes secas ficou muito zangado e gritou que o compadre o tinha enganado.

— «Ora essa! Então o senhor compadre não me disse que o que ficasse por cima da terra era meu e as raizes eram para si?! Foi o quo fiz.

— «Bom, bom, mas agora já me não

serve o contrato. Se queres ser meu socio, hade ser ás avessas. O que crescer para cima da terra é que será para mim e as raizes serão para ti.

O camponio aceitou o negocio e tratou de arranjar o seu campo para a sementeira seguinte. Combinou com a mulher, e dessa vez foi batatas que semearam. Chegou o tempo e o batatal poz-se de modo que era a inveja de toda a gente.

Quando chegou a época propria de arrancar as batatas, era cada uma que enchia um prato. E tantas, tantas, que não se cansava de medir alqueires.

Veio o compadre buscar a sua parte dos lucros e o lavrador entregou-lhe a rama seca e inutil dizendo — que era o seu quinhão.

O diabo, vendo-se enganado, ficou furioso e disse-lhe:

— «Ai tu estiveste a mangar comigo? Pois então havemos de bater-nos ás unhas para vermos quem fica senhor do campo e das colheitas. Prepara-te, pois, para quando eu voltar.

O homem, que já sabia então com quem falava, ficou varado de susto e foi para casa contar á mulher o sucedido.

— «Não te rales, deixa-o comigo, que eu o ensinarei — disse-lhe ella.

No dia em que o *dêmo* do compadre devia aparecer, escondeu-se o homem muito bem e ficou a mulher só em casa. Nisto o diabo que bate á porta com toda a furia, gritando:

— «Aqui estou eu para irmos á lucta! Responde a mulher de lá:

— «Ah, é vocemecê, senhor compadre?! Entre, entre, e sente-se aqui para conversarmos antes que venha o meu homem. Elle foi amolar as unhas para quando forem a essa lucta. Eu, senhor compadre, não lhe queria estar na pelle, elle sempre dá cada unhada que é da gente ficar com cicatriz para toda a vida. Olhe, a primeira que elle me deu foi esta...

E mostrou tal ferida que o senhor diabo fugiu pela porta fóra com medo das unhas do compadre, e nunca mais voltou.

Os dois ficaram-se a rir, ricos e satisfeitos, á custa do grande espertalhão que se julga capaz de ludibriar todos os mortais.



## O TOLO E AS MOSCAS

---

UM maluquinho que trazia a cabeça rapada não podia suportar as moscas que lhe póisavam em cima e lhe davam picadellas atrozes.

Lembrou-se — sabem de quê? — de ir a juizo apresentar uma queixa contra as moscas que tanto o incomodavam.

O juiz, que o conhecia e estava para se rir um bocado, atendeu-o com toda a seriedade e no fim deu por sentença: — que onde quer que elle visse uma mosca podia usar do seu direito e dar-lhe uma paulada.

O maluquinho que isto ouviu, olha para a cabeça do juiz, vê uma mosca pousada, e zás! ferra-lhe uma tão grande pancada que o deixou como morto.

Prenderam-no e queriam julga-lo, mas elle defendeu-se com a sentença que lhe mandava dar uma paulada nas moscas onde quer que as visse. Não tiveram remedio senão deixá-lo em liberdade.

Bem certo é — que com tolos nem para o céo.



## SUMIDO SEJAS TU COMO O VENTO

**E**RA uma vez uma princesa muito bonita e muito bôa, de quem todos gostavam em palacio. Os pais mais do que ninguem, é claro, e depois delles um principe, que era o seu noivo e era criado na côrte para casar mais tarde com a princesa e ficarem herdeiros da corôa.

Ora um dia andavam os dois a brincar no jardim jogando as escondidas, e a princesa, como o não encontrava, zangou-se e disse:

— «*Sumido sejas tu como o vento!*...»



O príncipe desapareceu e nunca mais  
ninguém deu conta delle, por mais que o



procurassem, por mais voltas que dessem  
ao jardim. Mandaram bandos e pregões

por todo reino, mas tudo em vão. Os reis e a princesa tiveram um grande desgosto, mas por fim sempre se foram resignando e já pouco pensavam no noivo, tratando de arranjar-lhe outro para o substituir. A princesa, que já era uma senhora, todas as manhãs se penteava e preparava muito bem e ia ao jardim cortar uma flôr para pôr nos cabellos.

Um dia quando andava passeando ouviu uma voz que perguntava:

— «Qual preferes: passar os trabalhos em nova ou em velha?»

Olhou para todos os lados, procurou por toda a parte, mas como não visse ninguém não fez mais caso.

No dia seguinte voltou ao jardim a cortar a flôr para o cabelo e aconteceu o mesmo. E assim todos os dias, até que, já muito intrigada e aborrecida, foi ter com a sua aia e disse-lhe:

— «Tu não sabes o que me acontece ha uns dias a esta parte? Quando vou ao jardim cortar a flôr para o meu cabelo, oiço uma voz perguntar-me qual quero: se passar os trabalhos em nova, se em velha?»

— «E a menina o que diz?»

— «Eu não tenho dito nada, mas por mais voltas que dê no jardim não encontro a pessoa que me fala.

— «Isso hade ser obra de encanto e eu se fosse a vossa alteza responderia: que antes queria passar os trabalhos em nova, pois em velha tomára a gente poder com o peso dos annos e com os achaques.

A princêsa ficou a pensar no que lhe aconselhára a sua aia mais fiel, que a tinha criado e a estimava como filha, e na manhã seguinte quando desceu ao jardim e ouviu a voz perguntar: — se queria passar os trabalhos em nova ou em velha — respondeu logo:

— «Antes em nova, que tenho mais força para soffrer.

— «Então — continuou a voz — despe-te de tudo e de todos quantos te rodeiam, pois é forçoso que me acompanhes.

A princêsa despediu-se dos pais, das damas e aias, das suas amigas e dos parentes, dos criados, das suas flôres, do palacio, dos seus livros e bordados, emfim de tudo quanto tinha e até ahi lhe dava tanto gosto. Depois voltou ao jardim, deixando a familia em pranto e gritou: — Voz, estou ás tuas ordens!

Sentiu-se arrebatada e levada pelos ares até que a deixaram em cima de um moinho.

O moleiro que a viu no telhado ficou furioso e começou a atirar-lhe pedras, gritando que era ella a ladra que lhe tirava a farinha.

Ali passou a noite transida de frio e de susto até que de manhã voltou a *Voz* a busca-la. Levou-a outra vez pelos ares, deixando-a ao pé dum rio onde estava uma quantidade de lavadeiras. Mal a viram desataram a atirar-lhe pedras e a ralar muito, dizendo — que era ella, com toda a certeza, a ladra que lhes furtava a roupa. Ahi esteve chorando a sua desdita até que no dia seguinte voltou a *Voz* a busca-la e foi deposita-la á porta dum pomar. O dono, que a viu, atirou-lhe pedras gritando: — que era ella a ladra da sua fructa!

Na manhã seguinte, quando estava ainda carpindo-se por tanta desgraça, sentiu-se outra vez levada pelos ares e foram deixa-la á porta dum jardim magnifico, todo cheio de bellas rosas e de muitas outras flôres variadas.

A *Voz* perguntou-lhe:

— «Lembras-te do tempo em que brincavas no jardim do teu palacio e em que



lá ias todas as manhãs cortar uma rosa para os teus cabellos?

— «Não, não me lembro de coisa nenhuma bôa!

A *Voç* calou-se e a menina ali ficou muito desconsolada. Dahi a instantes appareceu um cosinheiro á janella do palacio e, vendo uma tão linda mulher, porque a princêsa era bella apesar dos farrapos com que vinha coberta, foi dizer ao dôno do palacio, que era um principe, que no jardim estava uma rapariga muito formosa.

— «Vai chama-la—respondeu-lhe o amo.

A princêsa não quiz ir porque estava ás ordens da *Voç* e tinha medo de fazer qualquer coisa que lhe desagradasse.

— «Vai lá — tornou a dizer o principe ao cosinheiro, que lhe trouxe o recado — e dizê-lhe que entre, porque me hade conhecer logo.

Vai a princêsa, pega em si e foi, pensando comsigo:

— «Só se é o meu noivo que desapareceu uma tarde quando andavamos a brincar no jardim! ..

Entrou no palacio, que era uma maravilha pelas riquezas e pelas raridades que tinha dentro, e chegando á sala do throno reconheceu no moço e elegante principe o

seu noivo de outróra. Correu para elle cheia de jubilo e contou-lhe entre lagrimas todas as desgraças que lhe succederam.

— «Descansa agora — respondeu-lhe o principe, que era o melhor cavalleiro do seu tempo — que o teu fado está quasi cumprido. Não me disseste naquella tarde em que andavamos ás escondidas, cheia de mau genio por não me encontrares logo: — sumido sejas tu como o vento?!... Pois o genio dos ventos ouviu-te e immediatamente me levou pelos ares, vindo depositar-me neste palacio encantado. E tu terias que soffrer o castigo em velha ou em nova. Depois é que eu pedi para te ir buscar, porque eras a minha noiva que tanto estimava, mas não o podias ser sem que passasses o mesmo que eu passei. Era o castigo das tuas más palavras. Por isso voltei ao jardim do teu palacio, não em corpo, mas a minha voz.

— «Sim, a *Voz* não me era desconhecida, e quantas vezes perguntei a mim mesma onde a teria ouvido?!

— «Agora queres voltar para casa de teu pai ou ficar comigo?

— «Agora quero ficar contigo, não te quero deixar mais.

— «Mas olha que não poderemos casar senão daqui a vinte annos, aliás dobrará o meu encanto.

— «Não importa! Esperarei vinte e até trinta, mas quero ficar na tua companhia. Dize-me o que hei-de fazer.

— «Aqui nada se faz — é só comer e passear.

A assim viviam muito satisfeitos tendo tudo quanto desejavam e creados para os servir.

Passados dias disse o principe:

— «A'manhã faz tres annos que sahiste de casa de teus pais.

— «O quê?! Já tres annos? O que se passará por lá? Gostava de os vêr.

— «Se queres levo-te a vê-los, mas has de levar contigo este alfinete, e não o percas nem o dês, senão dobras-me o encanto. Quando te vires afflicta, fala ao alfinete que elle te valerá.

No dia marcado foram pelos ares, e o principe, que se tornava invisivel, deixou a princêsa á porta do palacio e recomen-dou-lhe que se demorasse apenas dois dias, senão tudo iria pelo peor.

Entrou e como ninguem a reconheceu perguntou aos guardas se a senhora rai-



nha desejaria uma aia para a vestir e pentear. O rei, que estava sentado á mesa, mal a ouviu reconheceu a voz da filha e ficou tão surprehendido que ao vê-la cahiu, partindo a cabeça. Foi uma balburdia no palacio, levaram o rei para a sua cama, e a mãe disse para a princêsa:

— «Agora hasde ficar comnosco, não te deixaremos mais sahir.

Muito afflicta, pensando em que dobrava o encanto do principe, disse baixinho:

— «Valha-me aqui o alfinete!

Sentiu logo a *Voz*, que lhe perguntou o que era.

— «Meu pai partiu a cabeça e agora não me deixam sahir daqui.

— «Teu pai partiu a cabeça de proposito para te prender, porque te viu o alfinete de que elle conhece muito bem o encanto. Anda dahi para o meu palacio, senão tudo perderemos.

E lá foram os dois pelos ares até ao seu encanto.

Passado tempo disse o principe:

— «A'manhã é o nosso casamento.

— O quê?! Então já passaram vinte annos desde que eu sahi da casa de meu pai?

— «Pois já. No mundo envólheceu e cresceu, nasceu e morreu muita gente, houve alegrias e houve desgraças, mas para nós o tempo não passou.

Levando-a deante dum espelho mostrou-lhe como estava tão nova e tão bella como no dia em que ali tinha entrado.

Tratou-se então da festa, e o principe, que ficava senhor dum grande estado, mandou convidar para a sua boda os reis e os principes dos reinos mais visinhos. Entre elles veio o pai da princêsa.

Quando este viu a filha teve uma grande alegria, mas não deixou de lhe dizer.

— «Então tu, ingrata, viste-me com a cabeça partida e fugiste?!

— O que devia eu fazer? O meu pai viu o alfinete e para me fazer demorar quebrou a cabeça; e o principe, que por mim tanto soffrêra, é que tudo pagaria, dobrando-se a sua pena.

Ainda assim o rei não ficou satisfeito, e quando se despediu deu-lhe uma noz com a recomendação de não a abrir deante do marido.

— «Nem a abro nem a como — respondeu a princêsa. E guardou-a bem guardada.

Mas o principe mandou construir um palacio ainda mais lindo e mais rico do que era aquelle e mudaram-se para lá. Quando já tinha ido tudo e só faltava o cofresinho onde estava guardado o presente do rei, cahiu ao chão partindo-se a noz e ateando-se logo um terrivel incendio que num instante devorou o palacio. O principe e a princêsa fugiram a tempo, mas as chammas perseguiram o principe até estar fóra, não tocando na senhora, que correu para o marido fazendo recuar o lume.

— «Vês? — disse o principe — Teu pai tem-me tanto odio que me queria queimar, e eu não lhe tenho nenhum. A'manhã hasde lá ir e leva-lhe o nosso filhinho para o vêr, talvez se arrependa do mal que me quer.

Assim foi. A princêsa partiu para casa do rei no dia seguinte, levando a aia com o principesinho. Contou o que se tinha passado e o pai arrependeu-se do mal que tanto desejava ao genro.

E, por ser muito bom, o ficou depois estimando como filho.



## MARÇO MARÇAGÃO

**H**AVIA uma mulher muito perguiçosa que era casada. O marido ralava-se e consumia-se para que ella trabalhasse, mas nada conseguia.

— «O' mulher, tu não trabalhas? Tudo por coser, tudo por fazer em casa, e tu sem pegares sequer numa róca!

— «Isso não, marido meu, que me faz a boca tórta.

— «Mas arranja a casa; faze qualquer coisa.

— «Pois sim, homem, heide trabalhar, mas hoje não. E' segunda feira das almas

e Deus Nosso Senhor agradece muito que se guarde este dia.

No dia seguinte, tornou o homem a instar porque trabalhasse, e ella:

— «Sim, homem, heide fazer alguma coisa, mas não hoje que é o dia consagrado ao Santissimo Sacramento; desejo fazer a minha resa.

— «Então, mulher, hoje é quarta feira, podes trabalhar.

— «Eu hoje?! Que dizes tu, marido? Logo hoje que é o dia consagrado ao Espirito Santo? Outro dia será, deixa estar. Roma e Pavia não se fizeram num dia.

— «Mulher — tornou o pobre homem, na manhã seguinte — então hoje não trabalhas?

— «Logo em que dia me falas, homem de Deus! Quinta feira, o dia consagrado ao coração de Jesus, isso não! Tem paciencia, outra ocasião será.

— «Então hoje não comesças a trabalhar? Tu não fias, tu não tens meadas para córar, ahi vem o *Março Marçagão*, e verás o que elle te faz! — dizia-lhe o marido.

— «Ora! Se vier o *Março Marçagão* deito umas esteiras a córar e elle cuida

que são meadas. Além disso, eu heide trabalhar, sim, mas não hoje que é sexta-feira, paixão e morte de Nosso Senhor Jesus Christo...

No sabado era dia consagrado a Nossa Senhora; no domingo dia santificado; e assim foi passando o tempo e chegou março.

Então lhe disse o marido:

— «Mulher, chegou o *Março Marçagão*, e tu sem meadas para lhe deitares a córrar!

— «Deixa, marido, amanhã que é o primeiro, deito-lhe as esteiras que ali tenho.

— «Elle não quer esteiras, quer meadas que as boas donas de casa tenham fiado nos serões do inverno. Queira Deus não te aconteça alguma!

Vai elle dali, arranjou um capote muito usado, pôs um chapeleirão na cabeça e umas barbas brancas, e pegando num cajado fingiu-se um velho e dirigiu-se para onde a mulher estava com as esteiras.

Com uma voz muito grossa e disfarçada gritou-lhe:

— «Então as meadas que tens para córrar são essas?

— «Sim, senhor *Março Marçagão* — respondeu ella tranzida de medo.

— «Teu marido não te preveniu que eu quero meadas e esteiras não?! Agora espera que eu te ensino!

Pegou no páu e deu-lhe uma grande sóva.

Foi-se dali a chorar, e quando o homem veio para casa encontrou-a assentada á porta, com a róca á cinta, a fiar.

— «O que é isso mulher, hoje é dia de festa e estás a trabalhar?!

— «Ai marido da minha alma, é que chegou o

*Março Marçagão*

*Córa meadas*

*Esteiras não!*

— «O que te dizia eu, que elle não era de brincadeiras!?

Dali para deante foi uma perfeição, mulher laboriosa até ali chegava, e nunca mais o *Março Marçagão* a foi topar no limiar da porta sem meadas para córar.

143

...

...

...

...

2068











# OBRAS DE ANNA DE CASTRO OSORIO

## INFELIZES

(HISTORIAS VIVIDAS)

1 volume, 2.<sup>a</sup> edição br. .... 400 réis  
Encadernado..... 600 "

## Homenagem a Garrett

(DE COLABORAÇÃO COM PAULINO DE OLIVEIRA)

1 volume, edição de luxo, muito raro.... 500 réis

## Garrett no Pantheon

(DE COLABORAÇÃO COM PAULINO DE OLIVEIRA)

Uma bonita plaquette..... 80 réis

**Ambições** (romance) br..... 7 réis

## UMA MISSÃO do padre Grainha

Por Alberto Osorio de Vasconcellos—acompanhado de algumas palavras de Anna de Castro Osorio e Paulino de Oliveira, brochado, com duas gravuras..... 300 réis

**A Comédia da Lili** (liber. cantan. il.) .... 200 réis

## Para

(PUBLICAR)

- 1.<sup>a</sup>, 2.<sup>a</sup>, 3.<sup>a</sup>, 4.<sup>a</sup>, 6.<sup>a</sup>, 7.<sup>a</sup>, e  
sobre a tradição poe-  
5.<sup>a</sup> série (Alma Infan-  
9.<sup>a</sup> série (As boas cr-  
10.<sup>a</sup> série (Os Anima-

Cada volume brochado.....

Cartonado .....

Encadernado em percalina capas especiais.....

Por assinatura.....

11.<sup>a</sup> série Alguns contos de Grimm (5.<sup>a</sup> edição do idêntico)

## EM PUBLICAÇÃO

12.<sup>a</sup> série Contos tradicionais Portuguezes.

**NO PRELO: — As mulheres Portuguezas**

NB



\*EFG0000351647\*

B

P.